



atos

do conselho geral

ano LXXXV julho-setembro 2004

Nº 386

**Órgão oficial
de animação
e de comunicação
para a
Congregação Salesiana**

**ROMA
DIREÇÃO GERAL
OBRAS DE DOM BOSCO**

atos

do Conselho Geral
da Sociedade Salesiana
de São João Bosco

ÓRGÃO OFICIAL DE ANIMAÇÃO E DE COMUNICAÇÃO PARA A CONGREGAÇÃO SALESIANA

Nº 386
ano LXXXV
julho-setembro
2004

1. CARTA DO REITOR-MOR	1.1 Padre Pascual CHÁVEZ VILLANUEVA "A quem iremos, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna." (Jo 6,68) PALAVRA DE DEUS E VIDA SALESIANA HOJE 5
2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES	Não constam deste número
3. DISPOSIÇÕES E NORMAS	Não constam deste número
4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL	4.1 Crônica do Reitor-Mor 49 4.2 Crônica dos conselheiros gerais 54
5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS	5.1 Homília do Reitor-Mor na Missa de ação de graças em honra dos três novos Bem-aventurados da Família Salesiana. 74 5.2 Carta do Reitor-Mor sobre a Basílica de Maria Auxiliadora em Turim 76 5.3 Decreto de ereção canônica da Visitadoria Salesiana Maria Auxiliadora, de Myanmar ... 78 5.4 Decreto de ereção canônica da Visitadoria Salesiana São José, do Sri Lanka 79 5.5 Decreto de ereção canônica da Visitadoria Salesiana Bem-aventurado José Vaz, de Panjim, Índia 80 5.6 Transferência da Casa São Francisco de Sales, no Vaticano, à Circunscrição da Casa Geral 82 5.7 Novo bispo salesiano 83 5.8 Irmãos falecidos (2º elenco 2004) 84

Tradução: Pe. Fausto Santa Catarina
Pe. José Antenor Velho

EDITORA SALESIANA
Rua Dom Bosco, 441 – Mooca
03105-020 São Paulo-SP
Fone: (11) 3277-3211 – Fax: (11) 3209-4084
vendaslivros@editorasalesiana.com.br
www.editorasalesiana.com.br

1. CARTA DO REITOR-MOR

“A quem iremos, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna.” (Jo 6,68)

PALAVRA DE DEUS E VIDA SALESIANA HOJE

1. Contemplar Cristo escutando a Palavra de Deus • 2. Escutar a Palavra de Deus como salesianos • 2.1 Dom Bosco, “sacerdote da Palavra” • *Formação bíblica e ministério pessoal • Eficaz uso pedagógico* • **2.2** Os jovens, lugar e razão da nossa escuta de Deus • **3. “Não está certo que nós abandonemos a pregação da palavra de Deus” (At 6,2) • 3.1** Ouvir a Palavra para fazer experiência de Deus • *Adorar em silêncio • Renunciar a tornar-se imagens de Deus* • **3.2** Ouvir a Palavra para tornar-se comunidade • *Reunidos porque salvos • Responsáveis pelos irmãos* • **3.3** Ouvir a Palavra para permanecer fiéis • *“Fonte de vida espiritual” (C 87) • “Alimento para a oração” (C 87) • “Luz para conhecer a vontade de Deus nos acontecimentos” (C 87) • “Força para viver na fidelidade a nossa vocação” (C 87)* • **3.4** Escutar para tornar-se apóstolos • *Conseguir criar ambientes de forte impacto espiritual • Oferecer uma pastoral de processos de amadurecimento espiritual* • **4. “Como Maria, acolhamos a Palavra e a meditemos em nosso coração” (C 87)**

Roma, 13 de junho de 2004.

Solenidade do Corpo e Sangue de Cristo

Caríssimos irmãos,

escrevo na solenidade de *Corpus Christi*, “memorial” do Senhor, mistério da sua vida oferecida na cruz e sinal do seu amor incondicional para conosco. Ela nos lembra que a Igreja, qual autêntica comunidade dos que crêem, nasce da Eucaristia. Todos ficamos maravilhados diante da ousadia inaudita de Jesus, que se encarnou para tornar-se “carne” por nós e, assim, comunicar-nos sua vida divina.

Ainda que as leituras do ciclo C dessa festa nos façam meditar no texto lucano da multiplicação dos pães, não podemos deixar de considerar o discurso eucarístico de João, que continua a ser o mais penetrante. Ele nos faz compreender que a Palavra tornou-se verdadeiramente carne, e por isso os seus ouvintes são convidados a tornar-se seus comensais, hoje como ontem.

Faço votos que as nossas celebrações eucarísticas, nas quais Jesus nos nutre na sua mesa com o pão da Palavra e do seu Corpo, sejam fonte de unidade e de fraternidade das nossas comunidades, fonte de paixão salvadora dos jovens. Desse modo poderemos dar a nossa vida por eles, a fim de que tenham vida em abundância.

Foi esse o segredo da força e da santidade dos nossos beatos, padre Augusto Czaratoryski, irmã Eusébia Palomino e Alexandrina da Costa.

Esta última viveu os treze anos finais da sua vida sem nenhum outro alimento que não a santa comunhão. A Eucaristia foi fonte da robustez espiritual dos nossos jovens santos, Domingos Sávio e Laura Vicuña: sua fidelidade a Deus nutriu-se da sua Palavra e do seu Corpo, e chegou à entrega ilimitada, até à morte em favor dos outros. Esse é também o nosso caminho para nos tornarmos autênticos discípulos de Cristo.

Ser seus discípulos, compartilhando sua vida e missão, não é hoje, com efeito, tarefa fácil. Nunca o foi. Os quatro evangelistas contam unânimes que foi fácil para Jesus – muito fácil até (cf. Mc 1,16-20; Jo 2,1-11) – chamar alguns a segui-lo, mas que não conseguiu mantê-los fiéis por muito tempo junto de si (Mc 14,50; Jo 18,15.27).

No quarto Evangelho deixou-nos uma lembrança, tão memorável quão dramática, da dificuldade que os mais íntimos discípulos de Jesus encontraram para ficar com ele. Após a estupenda multiplicação dos pães no monte, diante de milhares de homens (Jo 6,3-14), e depois do imprevisito e tranqüilizante encontro no mar agitado, na absoluta escuridão (Jo 6,16-21), Jesus na sinagoga de Cafarnaum ofereceu-se à multidão faminta e aos discípulos admirados como pão da vida descido do céu (Jo 6,35.41). Pedia-lhes que acreditassem em sua palavra e comessem seu corpo. Pela primeira vez, observa o narrador, “muitos dos seus discípulos”, sentindo a dureza desse discurso e escandalizados, “o abandonaram e já não mais andavam com ele” (Jo 6,66; cf. 6,60).

Interpelados por Jesus, os Doze expressaram, por meio de Pedro, a vontade de ficar. Não porque tivessem compreendido o discurso, mas porque não tinham outros credenciados como ele para seguir. Não porque as palavras de Jesus tivessem sido atenuadas, mas porque tinham sido reconhecidas como palavras de vida eterna (Jo 6,68). Hoje como ontem, os verdadeiros discípulos permanecem com Jesus, não obstante a dureza do seu discurso, porque não há nenhum outro que, de fato, mereça-lhes a fé e porque somente as suas palavras dão esperanças às expectativas e garantem vida sem fim.

Queridos irmãos, desejo muito que todos nós possamos ouvir Jesus como os Doze, enquanto, como eles fizeram, o ajudamos a saciar a fome – do pão e de Deus – de nossos jovens. Eu teria um grande desejo que o

escutemos também quando ele vem a nós e, como fiéis deslocados ou em situação constrangedora, nos encontramos imersos na escuridão ou sufocados pelo mal. Gostaria muito que todos nós dedicássemos um pouco mais do nosso tempo a acolher Jesus e a ouvir a sua palavra, “a única coisa necessária” (Lc 10,42), para que finalmente compreendamos que ninguém fora dele tem palavras que nos dão esperança e nos fazem viver hoje e sempre. Convido-vos, pois, a partir novamente de Cristo, Palavra de Deus.

1. CONTEMPLAR CRISTO ESCUTANDO A PALAVRA DE DEUS

Apresentando os documentos capitulares – e, pois, o compromisso do sexênio – eu vos escrevia que “o futuro da nossa vitalidade se encontra na nossa capacidade de criar comunidades carismaticamente significativas hoje”. E logo acrescentava que “a condição fundamental é o renovado empenho da santidade”.¹ Com efeito, como nos lembra João Paulo II, “tender à santidade é, em síntese, o programa de toda vida consagrada, também na perspectiva da sua renovação às portas do terceiro milênio”.²

Gostaria de retomar minhas conversas convosco sobre o tema da santidade e, dando um passo à frente, deter-me hoje na “centralidade da Palavra de Deus na vida comunitária e pessoal”.³ A medida alta da vida cristã ordinária, à qual somos chamados, “não é concebível senão a partir de uma renovada escuta da Palavra de Deus”.⁴ Se “Deus deve ser a nossa primeira ocupação” e se “é Ele que nos envia e nos confia os jovens”,⁵ deveremos ter sua Palavra “cotidianamente entre as mãos”,⁶ a fim de que, aprendendo “a sublime ciência de Jesus Cristo (Fl 3,8)”,⁷ “caminhemos com os jovens para conduzi-los à pessoa do Senhor ressuscitado (C 34).

¹ Capítulo Geral 25 dos Salesianos de Dom Bosco, “A Comunidade Salesiana hoje. Documentos capitulares”, ACG 378 (2002), p. 20, Apresentação (CG25).

² João Paulo II, *Vita Consecrata*, n. 93.

³ CG25, 31.

⁴ Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, *Partir de Cristo: um renovado compromisso de vida consagrada para o novo milênio*, n. 24.

⁵ CG25, 191.

⁶ Concílio Vaticano II, *Perfectae Caritatis*, n. 6.

⁷ Concílio Vaticano II, *Dei Verbum*, n. 24.

Esta minha carta é a continuação do caminho que vos indiquei anteriormente.⁸ A *santidade*, que é a nossa “tarefa essencial”⁹ e “o dom mais precioso que podemos oferecer aos jovens” (C 25), tem como missão prioritária a de *dizer e dar Deus aos jovens*. Além disso, a nossa é uma santidade *consagrada*, isto é, “*memória viva do modo de existir e de agir de Jesus* como Verbo encarnado diante do Pai e diante dos irmãos”,¹⁰ “prolongamento na história de uma presença especial do Senhor ressuscitado”,¹¹ uma “espécie de Evangelho desenvolvido nos séculos”.¹² Para nos tornarmos o que somos chamados a ser – memória viva do Cristo, sacramento da sua presença na história, manifestação do Evangelho ao mundo –, devemos dedicar-nos com firme convicção e emprego de recursos à contemplação de Cristo.

De fato, “toda vocação à vida consagrada nasceu na contemplação, de momentos de intensa comunhão e de profunda relação de amizade com Cristo, da beleza e da luz que se viu resplandecer sobre seu rosto. De aí amadureceu o desejo de estar sempre com Deus – ‘é bom ficarmos aqui’ (Mt 17,4) – e de segui-lo. Toda vocação deve amadurecer constantemente nessa intimidade com Cristo”.¹³

Encontrar-se hoje com o Cristo Ressuscitado não é sonho irrealizável, nem empresa louca. É graça possível, dom ao alcance da mão. Todos podemos encontrá-lo, “porque *Jesus está presente, vive e opera na sua Igreja*: Ele está na Igreja e a Igreja está nele (cf. Jo 15,1ss; Gl 3,28; Ef 4,15-16; At 9,5), Ele está presente na Sagrada Escritura, que em todas as suas partes fala dele (cf. Lc 24,27.44-47)”.¹⁴

Para vir ao nosso encontro, “quando chegou a plenitude do tempo” (Gl 4,4), Deus se fez homem em Jesus de Nazaré. Mas antes – no princípio – “era o Verbo” (Jo 1,1). Como palavra atemporal e como homem histórico, Deus se encontrou conosco: nas Escrituras, que são

⁸ “Caros salesianos, sede santos” (ACG 379); “Sois vós o meu Deus, fora de vós não tenho outro bem” (ACG 382); “Contemplar Cristo com o olhar de Dom Bosco” (ACG 384).

⁹ João Paulo II, “Discurso aos participantes do Capítulo Geral”. CG25, 169-171.

¹⁰ *Vita Consecrata*, n. 22.

¹¹ *Vita Consecrata*, n. 19.

¹² *Partir de Cristo*, n. 2.

¹³ *Partir de Cristo*, n. 25.

¹⁴ João Paulo II, *Ecclesia in Europa*, n. 22.

“encarnação” do Verbo de Deus, e em Jesus, que é encarnação do Filho de Deus, nós nos encontramos diretamente com Deus, pessoalmente e sem mais intermediários. Bíblia e biografia de Jesus não são senão duas faces da única encarnação: o Verbo de Deus se fez carne no seio de Maria e se tornou livro na Escritura. “Lá, coberto pelo véu da carne; aqui, pelo véu da letra”.¹⁵ Portanto, a Escritura é “um único livro, isto é, Cristo; porque toda a Escritura nos fala de Cristo e toda a Escritura completa-se em Cristo”.¹⁶ Com audácia, escreve Inácio de Antioquia: “Refugio-me no Evangelho como na carne de Cristo”.¹⁷ Justamente por isso, São Jerônimo afirma: “Quem ignora as Escrituras não conhece Cristo”.¹⁸

Para conhecer Cristo, nada podemos fazer além de nos aproximarmos da Palavra de Deus. A contemplação de Cristo passa necessária, embora não exclusivamente, pelo conhecimento das Escrituras: um conhecimento íntimo, pessoal, que se dá no coração, porque “somente o coração vê o Verbo”.¹⁹ Quando é o coração do fiel que lê, e quando são os seus olhos que perscrutam,²⁰ a Palavra escrita torna-se Palavra viva e, do encontro com ela, surge a identificação com Cristo. É esse, precisamente, o *nosso primeiro empenho*, como já lembrou o Papa às pessoas consagradas: “Toda realidade de vida consagrada nasce e todo o dia se regenera na contemplação incessante do rosto de Cristo. A própria Igreja haure seu incentivo no confronto cotidiano com a inexaurível beleza do rosto de Cristo, seu Esposo. Se todo cristão é um fiel que *contempla o rosto de Deus em Jesus Cristo*, vós o sois de modo especial. Por isso, é necessário que não vos canseis de estar em meditação sobre a *Sagrada Escritura* e, mormente, sobre os santos *Evangelhos*, para que se imprimam em vós os traços do Verbo encarnado”.²¹

Permanecer na escuta da Palavra é, por conseguinte, condição para a contemplação de Cristo, que leva naturalmente ao amor, que por sua

¹⁵ Orígenes, *Homilias sobre o Levítico* 1,1: SC 286, 66.

¹⁶ Hugo de São Vítor, *De arca Noe morali* 2,8: PL 176, 642.

¹⁷ *Carta aos Filadelfenses* 5,1.

¹⁸ São Jerônimo, *Comm. in Is.* Prol.: PL 24,17 cf. DV 25.

¹⁹ Santo Agostinho, “Commento all’epistola ai Parti di San Giovanni 1,1”. In: *Opere* XXIV/2. Roma, Città Nuova, 1985, p. 1638-1639.

²⁰ A imagem é de São Jerônimo, *Comm. in Is.* 15,55: PL. 24.536.

²¹ João Paulo II, “Homilia na Festa da Apresentação de Maria. V Dia da Vida Consagrada (2 de fevereiro de 2001)”, *L’Osservatore Romano*, 4 de fevereiro de 2001.

vez chega livre e necessariamente àquela entrega total que abre à acolhida exclusiva. Marta aprendeu do próprio Jesus “a única coisa necessária”: dedicar-se à escuta da Palavra. Eis a melhor forma de hospedar a Deus (cf. Lc 10,42). “Se alguém me ama – disse Jesus aos discípulos reunidos na intimidade da Última Ceia – guardará a minha palavra; meu Pai o amará e nós viremos e faremos nele a nossa morada” (Jo 14,23). A familiaridade que nasce do encontro pessoal com Cristo nutre-se da escuta e da prática da sua Palavra (cf. Lc 8,19-21), e visa à identificação com a sua pessoa e a sua missão. “Os religiosos – insistia já o Concílio Vaticano II – *sigam a Cristo* como único necessário, *ouvindo-lhe as palavras e preocupando-se com o que é dele.*”²²

Com razão, o CG25, afirmando que “hoje, mais do que nunca, as nossas comunidades são chamadas a tornar visível aos jovens, especialmente aos mais pobres e necessitados, o *primado de Deus*, que entrou na nossa vida, nos conquistou e nos colocou a serviço do seu Reino”,²³ orientou-nos a “colocar a Deus como centro unificador” da nossa vida comum e, desse modo, favorecer “a centralidade da Palavra de Deus na vida comunitária e pessoal”.²⁴ Essa é a principal orientação dos três aspectos fundamentais sobre os quais o CG25 concentrou a atenção.²⁵ O Capítulo quis, dessa forma, estimular a Congregação a acatar o convite da Igreja, tantas vezes repetido, de uma volta à escuta da Palavra, para se familiarizar com as exigências de Cristo e tornar-se família de Deus (cf. Mc 3,31-35).

Se, pois, “a vida espiritual deve estar em primeiro lugar” na nossa vida consagrada, se “dessa opção prioritária (...) depende a fecundidade apostólica, a generosidade no amor aos pobres, a própria atração vocacional sobre novas gerações,²⁶ não há duvidar que a primeira fonte dela é a Palavra de Deus. Ela “alimenta uma relação pessoal com o Deus vivo e com a sua vontade. (...) Da meditação da Palavra de Deus e, em particular, dos mistérios de Cristo, nascem a intensidade da contemplação e o ardor da ação apostólica”.²⁷

²² *Perfectae Caritatis*, n. 5. O *italico* é meu.

²³ CG25, 22.

²⁴ CG25, 31.

²⁵ Cf. CG25, 5.

²⁶ *Vita Consecrata*, n. 93.

²⁷ *Vita Consecrata*, n. 94.

2. ESCUTAR A PALAVRA DE DEUS COMO SALESIANOS

Os salesianos temos a firme convicção de que, apesar de “o Evangelho ser único e o mesmo para todos”, existe “uma *leitura salesiana do Evangelho*, da qual deriva uma maneira salesiana de vivê-lo”.²⁸ Os fundadores referiram-se constantemente ao Evangelho para acolher a vocação, discernir o carisma e especificar a missão própria dos seus institutos.²⁹ Dom Bosco também “voltou o olhar para Cristo, a fim de procurar assemelhar-se a Ele nos traços do rosto que mais correspondiam à sua missão providencial e ao espírito que a deve animar”.³⁰ No art. 11 das *Constituições* estão enumerados, precisamente, os traços da figura do Senhor aos quais “somos mais sensíveis na leitura do Evangelho”.

Sentimo-nos reconhecidos a Deus, porque sabemos que é “dom do Espírito Santo” ter descoberto as “mesmas percepções evangélicas” – isto é, aquele “determinado ‘modo salesiano’ de intuir o rosto e a missão de Cristo”³¹ – que tinha Dom Bosco. No seu tempo, ele “fez a sua leitura salesiana. Atrás dele, na sua esteira, à sua luz, em espírito filial, nós devemos fazer hoje, para a nossa vida atual, a nossa leitura salesiana do Evangelho”.³² Essa aproximação da Palavra de Deus, especificamente salesiana, pertence àquela “sensibilidade carismática” da qual nós, como escrevi, “somos conscientes e orgulhosos”.³³ Ousaria dizer mais e, para fazê-lo, sirvo-me das palavras do CGE: “O nosso patrimônio espiritual consiste antes de tudo nessa leitura do Evangelho”.³⁴

Conhecer mais profundamente o Cristo do Evangelho, na maneira como Dom Bosco o compreendeu, dará garantia de salesianidade à nossa contemplação de Cristo. É justamente o que procurei fazer recentemente, convidando-vos a viver como salesianos, “contemplando a Cristo com o olhar de Dom Bosco”.³⁵ A experiência pessoal de Cris-

²⁸ *Projeto de vida dos Salesianos de Dom Bosco*, p. 154.

²⁹ Cf. *Vita Consecrata*, n. 94.

³⁰ *Projeto de vida dos Salesianos de Dom Bosco*, p. 154.

³¹ CGE, 89.

³² J. Aubry, *Lo spirito salesiano: lineamenti*. Roma, 1974, p. 53.

³³ ACG 384 (2003), p. 10.

³⁴ CGE, 89.

³⁵ “Carta do Reitor-Mor”, ACG 384 (2003), p. 3-41.

to, que Dom Bosco viveu, é a chave para a interpretação salesiana da Palavra de Deus. Isso significa que a vida e a obra de Dom Bosco são para nós “uma Palavra de Deus encarnada”,³⁶ uma leitura vivida e carismaticamente normativa da Palavra de Deus.

2.1 Dom Bosco, “sacerdote da Palavra”

No tempo em que Dom Bosco viveu, a Bíblia não tinha uma presença forte no contexto eclesial e cultural. A Escritura não era considerada o primeiro entre os livros da fé. Embora não de todo ausente da vida cristã, podia ser atingida indiretamente através da mediação eclesial, quase exclusivamente litúrgica ou catequética, e na sua interpretação privilegiava-se a aplicação edificante e o sentido acomodado.³⁷

Formação bíblica e ministério pessoal

O ensino religioso que Mamãe Margarida ministrou, ou melhor, fez respirar a Joãozinho, mesmo que talvez não tivesse referências explícitas à Bíblia, estava impregnado de sensibilidade e alusões bíblicas, que exprimiam “o sentimento vivo da presença de Deus, a cândida admiração das suas obras na criação, a gratidão pelos seus benefícios, a conformidade à sua vontade, o temor de o ofender”.³⁸ O Deus de Dom Bosco é, como o bíblico, um Deus pessoal, que se esconde para além da realidade, da qual é origem e meta. É um Deus ao qual se chega nos acontecimentos, do qual se fala contando fatos, ao qual se serve no dia-a-dia.³⁹

Da formação bíblica de Dom Bosco durante os anos de seminário podem-se extrair poucos elementos, e pouco significativos. O estudo da Sagrada Escritura devia ter uma importância um tanto marginal. Nas *Memórias do Oratório*, Dom Bosco enumera uma série de leituras

³⁶ C. Bissoli, “La linea biblica nelle Costituzioni Salesiane”. In: AA.VV., *Contributi di studio su Costituzioni e Regolamenti SDB*. Vol. 2. Roma, 1982, p. 292.

³⁷ Cf. C. Bissoli, “La Bibbia nella Chiesa e tra i cristiani”. In: R. Fabris (org.), *La Bibbia nell’epoca moderna e contemporanea*. Bolonha, Dehoniane, 1992, p. 182-183.

³⁸ E. Ceria, *Don Bosco con Dio*. Roma, Ed. S.D.B., 1988, p. 37.

³⁹ Cf. P. Stella, *Don Bosco nella storia della spiritualità cattolica*. Vol. II: *Mentalità religiosa e spiritualità*. Roma, LAS, 1981, p. 13-27.

bíblicas em que se havia empenhado, e alude ao seu amor pelas línguas grega e hebraica.⁴⁰ Dos frutos desse estudo, as *Memorie biografiche* oferecem vários testemunhos, talvez com alguma ponta de exagero.⁴¹ Nos escritos de Dom Bosco encontramos numerosas citações da Escritura. Seu uso é, na maioria das vezes, de caráter edificante. “Quando a Escritura não é incorporada como página narrativa, mas como sentença sumamente acreditada, em geral é assumida em sentido moral, muitas vezes até em sentido extensivo (...) ou ousadamente acomodatório (...)”.⁴²

Requisitado como pregador, por ter “muita facilidade de expor a palavra de Deus”, Dom Bosco afirma, além disso, que o seu modo de pregar “começava com um texto da Escritura”. A eficácia do seu dizer devia-se, além de à doutrina e à acentuação espiritual, ao hábito de “apoiar-se na Sagrada Escritura e sobre os Santos Padres”.⁴³ Deve-se recordar, por ser significativo, que a graça pedida “ardentemente” na sua primeira missa foi a eficácia da palavra. “Parece-me – escreveu no fim da vida – que o Senhor escutou a minha humilde oração.”⁴⁴

Mesmo que não se exclua o fato de que a Bíblia seja “a Palavra de Deus” por excelência, Dom Bosco, como também os seus contemporâneos, serve-se habitualmente da expressão para indicar todo ensinamento da Igreja.⁴⁵ Cristão – escreve – é aquele que tem “a Divina Palavra por guia”.⁴⁶ “A Palavra de Deus é chamada luz, porque ilumina o homem e o dirige no crer, no agir e no amar. É luz porque, esmiuçada e bem ensinada, mostra ao homem o caminho que deve tri-

⁴⁰ G. Bosco, *Memorie dell'Oratorio di S. Francesco di Sales: dal 1841 al 1855*. A da Silva Ferreira (org.). Roma, LAS, 1991, p. 106-108. Ed. Bras.: *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales*, São Paulo, Editora Salesiana, 1982.

⁴¹ Cf. MB I, p. 395-423; II, p. 510-511; XVII, p. 122.

⁴² Cf. Stella, *Don Bosco nella storia della spiritualità cattolica*. Vol. I: Vita e opere. Roma, LAS, 1979, p. 239.

⁴³ G. Bosco, *Memorie dell'Oratorio*, p. 97 e 112. Cf. MB III, p. 62; IX, p. 342.

⁴⁴ MB I, p. 519. Cf. Ceria, *Don Bosco con Dio*, p. 173.

⁴⁵ Basta apenas uma citação do *Jovem instruído* para demonstrá-lo: “Como o nosso corpo sem alimento se torna enfermo e morre, assim acontece com a nossa alma, se não lhe damos o seu alimento. Nutrição e alimento da nossa alma é a Palavra de Deus, isto é, as pregações, a explicação do Evangelho e o catecismo”. G. Bosco, *Il Giovane Provveduto*, Turim, 1885. OE XXXV, p. 145-146.

⁴⁶ G. Bosco, *Il mese di maggio consacrato a Maria Ss. Immacolata*. Turim, Tip. Paravia, 1858. OE X, p. 356.

lhar para chegar à vida eterna e feliz. É luz porque acalma as paixões dos homens, as quais são as verdadeiras trevas, trevas densas e perigosas, a ponto de não poderem ser desfeitas senão pela Palavra de Deus. É luz porque, devendo ser pregada, infunde as luzes de graça divina no coração dos ouvintes e lhes faz conhecer a verdade da fé.”⁴⁷

Eficaz uso pedagógico

A relativa importância do estudo da Sagrada Escritura durante os anos de seminário torna ainda mais impressionante – e muito sugestivo – o modo como Dom Bosco soube valorizar o dado bíblico na sua atividade educativa. A referência à Palavra de Deus na sua pedagogia foi constante. Dom Bosco construiu a santidade dos seus jovens sobre uma evangelização sólida, fundada na Palavra de Deus e por ela esclarecida.

Na vida de Domingos Sávio, quando Dom Bosco descreve seu crescimento espiritual, observa num trecho: “Tinha arraigado no coração que a Palavra de Deus é a guia do homem no caminho do céu”. Falando do interesse de Domingos em pedir que lhe explicassem o que na Sagrada Escritura não compreendia, acrescenta: “Iniciou-se aí o exemplar teor de vida, o contínuo progresso na virtude, a exatidão no cumprimento dos seus deveres, além dos quais não se pode ir”.⁴⁸ Com efeito, no regulamento da Companhia da Imaculada, compilado por Domingos, lê-se no segundo ponto: “Conservaremos com o maior cuidado a santa Palavra de Deus e repassaremos as verdades ouvidas”.⁴⁹

A obra em que Dom Bosco mais demonstra a sua sensibilidade bíblica em perspectiva educativa é decerto a *História Sagrada*. No prefácio, justifica a edição de uma nova História Sagrada, evidenciando, antes do mais, os defeitos das outras em circulação: muito volumosas ou muito breves, carentes de referências cronológicas e de sensibilidade pedagógica. Além disso, avalia positivamente as qualidades do seu texto: apresentação cuidadosa de todas as notícias mais importantes dos livros sagrados; cuidado em não despertar nos jovens idéias menos

⁴⁷ G. Bosco, *Il Cattolico nel secolo*. Turim, Libreria Salesiana, 1883. OE XXXIV, p. 369-370.

⁴⁸ G. Bosco, *Vita del giovanetto Savio Domenico*. Turim, Tip. Paravia, 1850. OE XI, p. 188-189.

⁴⁹ Idem, p. 229.

oportunas; acessibilidade do texto a qualquer jovem, a tal ponto de poder-lhes dizer: “Toma e lê”. Dom Bosco acrescenta que chegou a tal resultado depois de longa e concreta experiência em contato com os jovens, estudando com atenção as reações que neles podia despertar a sua apresentação.⁵⁰

Outro texto que revela a importância atribuída por Dom Bosco à Bíblia é o *Jovem instruído*, texto do qual se disse que “tem para a ascética o valor que as páginas do *Sistema Preventivo* têm na pedagogia”, e que é “o programa e a apresentação da proposta espiritual de Dom Bosco aos jovens, aos quais o santo se manteve fiel até ao último dos seus dias”.⁵¹ O próprio Dom Bosco o apresenta como “livro de devoção adaptado aos tempos”. “Procurei – escreve – compilar um livro adaptado à juventude, oportuno pelas suas idéias religiosas, apoiado na Bíblia, que expusesse os fundamentos da religião católica com a máxima brevidade e clareza.”⁵² Com efeito, analisando as orientações que Dom Bosco dá aos jovens, verifica-se que elas “se apóiam” em mais de quarenta citações bíblicas, ainda que nem todas explícitas.

Uma especial “entonação bíblica” de fundo foi observada por um historiador um tanto crítico na própria maneira de narrar de Dom Bosco.⁵³ Qual bom educador e eloquente comunicador, Dom Bosco soube servir-se com imaginação dos meios de comunicação que tinha à disposição: brinquedo, música, teatro, passeios, liturgia, festas etc. Um deles eram frases da Bíblia, que quis fossem colocadas sob os pórticos de Valdocco. “Querida – comenta o biógrafo – que até as paredes da sua casa falassem da necessidade de salvar a própria alma.”⁵⁴

⁵⁰ E concluiu assim: “Em cada página mantive sempre aquele princípio: iluminar a mente para tornar bom o coração e popularizar quanto possível a ciência da sagrada Bíblia, que é o fundamento da nossa santa Religião, pois contém seus dogmas e os prova, e se torne fácil pelo relato sacro passar ao ensino da moral e da religião, motivo pelo qual nenhum outro ensino é mais útil e importante do que este” (G. Bosco, *Storia Sacra*. OE III, p. 7-9).

⁵¹ P. Stella, *Valori spirituali nel “Giovane Provveduto” di San Giovanni Bosco*. Extraído da dissertação de láurea. Roma, 1960, p. 48 e 80-81.

⁵² G. Bosco, *Memorie dell'Oratório*, p. 169.

⁵³ “Como não ficar impressionados com a extraordinária semelhança, ainda que lexical, de certos contos das *Memórias* com passagens bem conhecidas do Antigo e do Novo Testamento?” (M. Guasco, “Don Bosco nella storia religiosa del suo tempo”. In: *Don Bosco e le sfide della modernità*. Turim, 1988, p. 22).

⁵⁴ MB VI, p. 948.

Determinante para o recurso de Dom Bosco à Bíblia na sua obra educativa foi, pensamos, a razão teológica: a Bíblia é o livro sagrado por excelência. Além disso, pesaram também outros motivos: a educação recebida na família, impregnada de religiosidade genuína e, por isso, substancialmente bíblica; as suas misteriosas experiências do sobrenatural, que se manifestam, por exemplo, nos sonhos, e que são marcadamente bíblicas; o seu temperamento e a sua inclinação por estudos positivos, tanto históricos como exegéticos. Pesou um pouco menos, talvez, a orientação cultural e a experiência formativa do seminário. Nele, o recurso à Bíblia tem uma finalidade moral e educativa. Serve para encaminhar a resposta do homem à ação de Deus.

Como sacerdote e pedagogo, Dom Bosco pôs a Palavra de Deus no centro do seu trabalho apostólico, a ponto de ser chamado “sacerdote da Palavra”. “Operário da Palavra – escrevia o padre Ceria – é quem faz com a Palavra um trabalho seu, por gosto e vontade própria. Diríamos, ao invés, sacerdote da Palavra, o que exerce com a Palavra um ministério, o *ministerium verbi* (...), um uso sagrado da Palavra, feito em nome de Deus e a serviço espiritual do próximo, por dever de vocação.”⁵⁵

2.2 Os jovens, lugar e razão da nossa escuta de Deus

Servir à Palavra por dever de vocação! Eis aí uma descrição bem acertada e oportuna da meta, e do motivo, da *evangelização salesiana*, a qual obviamente exige uma prévia *leitura salesiana* do Evangelho. Nós, salesianos, “evangelizadores dos jovens”, escreveu o CG21, “acompanhamos essa obra, aceitando, antes de tudo, a *evangelização de nós mesmos*. Imersos no mundo, somos muitas vezes tentados pelos ídolos e sabemos que temos necessidade incessante de ouvir a palavra de Deus, de nos convertermos a ela”.⁵⁶

Como ler o Evangelho e por que fazê-lo *como salesianos*? Para ler hoje o Evangelho como Dom Bosco e atualizar suas opções, devemos senti-lo dentro da tradição salesiana que dele se origina. Nela é que se mantiveram e desenvolveram, aprofundadas e realizadas, as suas intuições evangélicas. “A felicidade dinâmica e viva da Congregação à sua

⁵⁵ Ceria, *Don Bosco con Dio*, p. 184.

⁵⁶ CG21, 15.

[de Dom Bosco] missão na história”⁵⁷ é o primeiro e melhor aval para garantir a *salesianidade* da nossa escuta da Palavra de Deus.

A leitura salesiana da Escritura não dependerá somente de acurada exegese científica, por mais fundamentada e atualizada que seja, mas, sobretudo, da fidelidade renovada à nossa missão: os jovens (C 3). Suas necessidades movem e orientam a nossa ação pastoral (C 7). E nós, “com Dom Bosco, reafirmamos a preferência pela ‘juventude, pobre, abandonada, em perigo’, que tem maior necessidade de ser amada e evangelizada” (C 26). O salesiano que, lendo a Bíblia, quer ouvir a Deus, dispõe-se ouvir a voz dos jovens, suas necessidades e suas aspirações, seus silêncios e suas esperanças, suas faltas e seus sonhos. Os jovens são, com efeito, “a outra fonte da nossa inspiração evangelizadora”.⁵⁸

“Enviado aos jovens por Deus” (C 15), o salesiano faz-se presente entre eles com uma atitude fundamental: a simpatia e a vontade de contato (C 39). A missão nos moverá a “procurá-los no ambiente em que vivem e encontrá-los em seu estilo de vida” (C 41). Ela os acolherá “no ponto em que se acha a sua liberdade” (C 38). Essa presença que não falha abre o salesiano “ao conhecimento vital do mundo juvenil” (C 39). Assim, o salesiano, “imerso num mundo e nas preocupações da vida pastoral”, aprende a “encontrar Deus naqueles a quem é mandado” (C 95) e a “reconhecer a ação da graça na vida dos jovens” (C 86), como fez Dom Bosco.

Por isso, nunca podemos afastar dos nossos corações ou abandonar das nossas obras os jovens. Eles são a “pátria da nossa missão”.⁵⁹ Fazem parte do nosso “credo” salesiano: “nós cremos que Deus nos está esperando nos jovens para oferecer-nos a graça do encontro com Ele e para nos dispor a servi-lo neles, reconhecendo-lhes a dignidade e educando-os para a plenitude da vida. O momento educativo torna-se assim o lugar privilegiado do nosso encontro com Ele”.⁶⁰ Se quisermos viver contemplando a Deus, se estamos dispostos a ouvir a sua voz e escutar a sua Palavra, devemos estar com os jovens, permanecer no meio deles. Então Deus nos falará claramente. Com efeito, “estamos

⁵⁷ CG21, 377.

⁵⁸ CG21, 12.

⁵⁹ E. Viganò, *Consagración apostólica y novedad cultural*. Madri, CCS p. 159.

⁶⁰ CG23, 95.

entre os jovens porque Deus nos enviou a eles, e estudamos sua condição juvenil em toda a sua problemática porque, através dela, *é o próprio Cristo que nos interpela*".⁶¹

Para encontrar-se com Deus e ouvir a sua Palavra, não há, pois, necessidade de deixar os jovens afetiva e/ou efetivamente, e de abandonar a missão salesiana. Realizada como representação e sob o mandato de Cristo, ela é o melhor motivo para ir a ele e permanecer com ele. Jamais, nem sequer nos momentos mais contemplativos, pode desaparecer do horizonte da comunidade salesiana a visão dos jovens por salvar!⁶² Quando Jesus acolheu os discípulos que voltavam entusiasmados da sua primeira missão apostólica, antes de chamá-los à parte para descansarem, deixou-os contar "tudo o que tinham feito e ensinado" (Mc 6,30). Estar com os jovens, ouvir as suas urgências e atender os seus pedidos não pode tornar-se obstáculo nem verdadeira desculpa para procurar a Deus e acolher a sua Palavra. De quem aprenderemos a compaixão pelos jovens pobres, abandonados e em perigo, se não contemplarmos a paixão de Cristo por eles e não ouvirmos as "muitas coisas" que ele nos haverá de dizer (cf. Mc 6,34)?

Pois bem, imitar Dom Bosco, ministro da Palavra, e considerar-se "missionários dos jovens"⁶³ são condições prévias e necessárias para ouvir a Deus *como salesianos* e contemplar a Cristo. Já o dizia o CGE com outras palavras: "Conhecer mais profundamente o Cristo do Evangelho e o modo com que Dom Bosco o compreendeu e imitou. Isso torna-nos capazes de *reatualizar* as intuições evangélicas do espírito salesiano e de *potenciá-las* segundo as novas possibilidades e as imensas necessidades do mundo de hoje".⁶⁴

3. "NÃO ESTÁ CERTO QUE NÓS ABANDONEMOS A PREGAÇÃO DA PALAVRA DE DEUS" (AT 6,2)

Sempre me pareceu sugestivo e de muita visão o relato do livro dos Atos que narra as dificuldades que surgiram dentro das primeiras

⁶¹ E. Viganò, "Confirma frates tuos", ACS 295(1980), p. 26. O *itálico* é meu.

⁶² *Projeto de vida dos Salesianos de Dom Bosco*, p. 617.

⁶³ João Paulo II. Cf. CG22, 13.

⁶⁴ CGE, 89.

comunidades cristãs e a imediata e paradigmática reação apostólica: “Não está certo que nós abandonemos a pregação da palavra de Deus para servirmos às mesas. Portanto, irmãos, escolhei entre vós sete homens de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria, para que lhes confiemos essa tarefa. Desse modo, nós poderemos dedicar-nos inteiramente à oração e ao serviço da Palavra” (At 6,2-4).

A Igreja de Jerusalém, pelo conhecido bom êxito na obra de evangelização (At 2,14-41; 3,12-26; 5,12-16), teve de enfrentar logo a hostilidade da autoridade (At 4,1-22; 5,7-33) e sofrer graves problemas internos, que colocaram à prova a sua vida fraterna (At 2,41-47; 4,32-35) e até a sua sobrevivência. A crise interna da comunidade foi, na realidade, mais perigosa que as perseguições: o choque que punha em perigo a convivência nos dois grupos étnicos de fiéis – helenistas e judeus – era sobretudo de origem social (At 6,1). Diante da ameaça de divisão na comunidade, os apóstolos decidiram criar algo de novo, o *diaconato* – a primeira instituição *eclesial* –, um serviço às mesas comunitárias que sanasse a fraternidade e consolidasse a unidade. Daí em diante, não tendo mais que cuidar da distribuição diária de bens, eles resolveram dedicar-se exclusivamente ao trabalho apostólico. Assim, de uma crise comunitária surgiu não somente um novo ministério eclesial a favor da caridade, mas sobretudo se realizou uma verdadeira “conversão” nos apóstolos, que voltaram às próprias competências mais específicas: a prática da oração e o ministério da Palavra.

Além de ser exemplar, essa reação apostólica continua também hoje normativa. Lembramos o episódio justamente porque é Palavra de Deus. Quem na comunidade cristã se dedica à pregação põe a salvo a unidade da fé, restaurando a caridade. Mas depois é necessário que volte às atividades que melhor o distinguem: rezar e servir à Palavra. Os apóstolos, que vêem ameaçados os seus esforços de evangelização, são forçados a voltar ao essencial. Alguns encargos podem ser delegados a outros, jamais a oração e a pregação. Nem mesmo o cuidado da vida comum pode levar um apóstolo a descuidar a oração e a Palavra de Deus: qualquer outro compromisso assumido, conquanto urgente, deve passar a outras mãos. Para os Doze tornou-se claro que tinham a tarefa de conservar e garantir a vida comum dos fiéis, sem descuidar,

porém, a oração e a Palavra, de outra sorte trairiam o ministério apostólico a eles confiado.

Algun de vós poderia aludir ao fato – que, se advertido, nem sempre é bem compreendido – que parece contradizer quanto vos estou a escrever: nas nossas *Constituições*, com efeito, o capítulo VII, “que trata da oração salesiana, entendida no seu significado mais profundo de diálogo com o Senhor”, foi colocado no fim da segunda parte, “como síntese conclusiva de toda a descrição do projeto salesiano”.⁶⁵

Pois bem, “seria um erro interpretar essa colocação como uma diminuição da importância dada à oração, sob o pretexto de que é tratada ‘depois’ dos temas da missão (cap. IV), da comunidade (cap. V) e dos conselhos evangélicos (cap. VI). Pelo contrário! Dando à oração esse lugar conclusivo, o CG22 quis dar a entender que a vida consagrada apostólica do salesiano (...) tem um caráter tão sobrenatural, supera de tal modo a nossa boa vontade, que se torna impossível e impraticável sem o Espírito Santo, sem a graça de Deus. (...) Sugere, além disso, que todos os compromissos concretos da vida e da ação do salesiano são destinados a ‘desaguar’ na oração e ‘tornar-se’ também eles comunhão profunda com Deus”.⁶⁶

“A oração é a alma do apostolado, mas também o apostolado vivifica e estimula a oração.”⁶⁷ Não há, pois, contradição entre missão e contemplação, entre vida apostólica e vida de oração. Pelo contrário, aquela brota desta e dela se alimenta. De fato, o nosso projeto de vida e a nossa missão apostólica nasceram de Deus (cf. C 1) e em Deus sempre renascem. É assim que a vida de oração, que para nós é *dom* de Deus e *resposta* a Ele (cf. C 85), mantém a íntima ligação com cada elemento da nossa vocação e continua o seu estímulo permanente: quem deixa de ouvir a Deus, quem não tem tempo para Ele, antes ou depois deixará os jovens (ação pastoral), descuidará a vida comum (comunhão fraterna) e abandonará o seguimento de Cristo (conselhos evangélicos). Queridos irmãos, voltemos a Deus, “tendo cotidianamente

⁶⁵ *Projeto de vida dos Salesianos de Dom Bosco*, p. 249.

⁶⁶ *Projeto de vida dos Salesianos de Dom Bosco*, p. 609-610.

⁶⁷ *Vita Consecrata*, n. 67.

em mãos a Sagrada Escritura” (C 87), e a missão salesiana voltará a ser para nós alegria e razão da nossa vida consagrada.

3.1 Ouvir a Palavra para fazer experiência de Deus

Para os que crêem, ouvir a Deus não é ocupação acidental nem agradável passatempo, mas necessidade ineludível. O aspecto que melhor define o Deus verdadeiro é a sua vontade de se manifestar, o seu empenho de vir ao encontro dos homens mediante a sua Palavra, antes e repetidas vezes através dos profetas, depois de maneira definitiva no Filho (Hb 1,2). “Mediante essa revelação, o Deus invisível (cf. Cl 1,15; 1Tm 1,17), levado por seu grande amor, fala aos homens como a amigos (cf. Ex 33,11; Jo 15,14-15) e com eles se entretém (cf. Br 3,38), para os convidar à comunhão consigo e nela os receber.”⁶⁸

A Palavra não somente revela a existência de Deus, mas é, antes de tudo, a sua própria essência: Deus é *Verbum* (Jo 1,1-4); diversamente dos falsos deuses, “que têm boca e não falam (...) suas bocas não emitem sons” (Sl 115,5.7), o único Deus tem uma voz vigorosa, majestosa, que abala, que sacode (cf. Sl 29,3-9). À diferença dos ídolos mudos (1Cor 12,2) que emudecem os seus servos (cf. Sl 115,8), Deus faz falar quem o ouve: os seus ouvintes tornam-se profetas! (Am 3,8; cf. Jr 1,6.9; Is 6,5-7; Ez 3,1). E enquanto chega o dia em que veremos Deus “face a face” (1Cor 13,12), nos estimula a certeza de que nós não devemos procurar em vão, como se Ele falasse em segredo (Is 45,19). Ao invés, atingimos Deus na sua Palavra e o encontramos no seu Filho: “Ninguém viu a Deus; o Filho único, que é Deus e está na intimidade do Pai, foi quem o deu a conhecer” (Jo 1,18).

Para aproximar-se e encontrar-se com a Palavra, são necessárias determinadas atitudes espirituais: não basta “tornar presente a Palavra na sua nua objetividade, para que se torne presente o próprio poder de Deus”.⁶⁹ Ao Deus que fala, “deve-se a obediência da fé”.⁷⁰ Para en-

⁶⁸ *Dei Verbum* 2.

⁶⁹ C. Martini, *In principio, la Parola: lettera al clero e ai fedeli sul tema “La Parola di Dio nella liturgia e nella vita” per l’anno pastorale 1981-82*. Milão, 1981, p. 29.

⁷⁰ *Dei Verbum*, 5. Cf. Rm 16,26; 2Cor 10,5-6.

contrar Deus temos, pois, necessidade de nos submetermos à disciplina da escuta que impõe duas atitudes de fé, hoje não muito apreciadas, mas que garantem indefectivelmente o encontro com o Deus Palavra: a adoração silenciosa como condição prévia e a renúncia a tornar-se imagem de Deus.

Adorar em silêncio

“Cala e escuta, Israel” (Dt 27,9). O tom imperioso do mandato bíblico não deixa lugar à dúvida: quem quer ouvir a Deus deve amar o silêncio. São João da Cruz explica assim essa regra de vida espiritual: “O Pai pronunciou uma Palavra que foi seu Filho, e sempre a repete num eterno silêncio. Por isso, em silêncio ela deve ser ouvida pela alma”.⁷¹ A supremacia de Deus é reconhecida e aceita pelo fiel, primeiramente, “com a adoração silenciosa e com a oração prolongada”.⁷²

O comentário ao artigo 87 do nosso Projeto de Vida é muito explícito: “a primeira atitude da comunidade orante não é a de falar: como para todo fiel, é antes do mais calar para ouvir”.⁷³ Ficar em silêncio diante de Deus não é tempo perdido, sem trabalho e sem sentido, mas expressão da admiração que Ele provoca em nós e sinal da adoração e do respeito que Ele merece. Sem silêncio exterior, ausência de vozes, sons e ruídos, e sobretudo sem aquele silêncio interior, que faz calar os nossos desejos e a vontade de viver por e para si mesmos, a Palavra de Deus não encontra em nós espaço, nem acolhida cordial. O Mestre, dizia Santo Agostinho, fala dentro do coração, ensina na intimidade, tornando inúteis as vozes de vêm de fora.⁷⁴

Se da parte de Deus no princípio era a Palavra e nessa Palavra nos foi dada graça e verdade (Jo 1,1.14), de nossa parte o silêncio reverente e acolhedor deve estar no início. É um silêncio ativo, que está no aguardo da Palavra desejada e se destaca de todas as outras vozes. É

⁷¹ São João da Cruz, “Sentenze. Spunti d’amore, n. 21”. In: *Opere*, Roma, 1967, p. 1095.

⁷² Cf. C. Martini, *Il sogno di Giacobbe: partenza per un itinerario spirituale*. Casale Monferrato, Piemonte, 1989, p. 80.

⁷³ *Projeto de vida dos Salesianos de Dom Bosco*, p. 625.

⁷⁴ Cf. Santo Agostinho, *Meditazione sulla lettera dell’amore di San Giovanni*. 2ª ed. Roma, 1980, p. 107.

um silêncio pleno, que sabe estar na presença de um Deus adorável e permanece, como o servo, com os olhos voltados para o seu patrão (cf. Sl 123,2). “O que Deus possa dizer ao homem, com quanta intensidade, com que força comunicativa não pode ser antecipado, determinado, decidido pelo homem. A única antecipação, a única decisão que compete ao homem, é a do silêncio cheio de expectativa, de respeito, de obediência.”⁷⁵ Para viver hoje como fiéis, deve-se poder conviver com o silêncio. Encher a vida de palavras e barulho é tomar o caminho da incredulidade: “Cada um é convidado a redescobrir no silêncio e na adoração o seu chamado a ser pessoa diante de um Tu pessoal que o interpela com a sua Palavra”.⁷⁶

Renunciar a tornar-se imagens de Deus

“Com quem imaginais que Deus se parece? A que imagem ireis compará-lo?”, pergunta Isaías (40,18). Como Deus é Palavra (Jo 1,1), a escuta é a única maneira de encontrá-lo, e a conversação, a forma de entreter-se com Ele. O verdadeiro Deus não se deixa ver, nem mesmo pelos amigos mais íntimos (cf. Ex 33,18-20), os que, como Moisés, conseguiram falar com Ele “face a face” (Ez 33,11; Dt 34,10). Antes, o verdadeiro Deus proíbe taxativamente até que se façam imagens dele (Ex 20,4; 2Rs 11,18).

É proibido ao fiel prover-se de imagens de Deus, seja as fabricadas com as próprias mãos, seja as concebidas com a imaginação (Dt 4,16-18; 1Rs 14,9; Os 13,2) ou com os desejos do coração (cf. Ez 32,1). Nada de quanto é obra de mãos humanas (Sl 115,4) pode refletir a glória do Deus vivo. Fazer uma imagem de Deus é convertê-lo num ídolo sem vida (Sl 115,2-4). Forjar uma representação de Deus na medida das próprias necessidades não liberta nem dá alívio (Ez 32,1-8), antes, aumenta a fadiga. Israel, que quer um deus “que vá diante” de si (Ez 30,2), é depois forçado a transportar o deus que tem pés, mas não pode caminhar (cf. Am 5,26). Eis a consequência trágica de não aco-

⁷⁵ C. Martini, *La dimensione contemplativa della vita: lettera al clero e ai fedeli dell'Archidiocesi Ambrosiana per l'anno pastorale 1980-81*. Milão, 1980, p. 20.

⁷⁶ C. Martini, *La dimensione contemplativa della vita*, p. 27.

lher o Deus Palavra: acaba-se por criar imagens de Deus e tornar-se como a obra da própria mente e das próprias mãos, mudo, sem hálito nem vida (Sl 115,8).

Quem quer ouvir a Deus, deve escutá-lo, isto é, deve “ver a Palavra” (cf. Dt. 4,9), “olhando para as Escrituras como para o rosto de Deus”, “aprendendo a reconhecer nelas o coração de Deus”.⁷⁷ O encontro com Deus na Bíblia é um acontecimento sensível, mas não visual. Não são os que vêem, mas os que escutam a Palavra e a conservam, que conseguem encontrar a Deus e tornar-se seus íntimos. Santo Agostinho afirma que somente os olhos do coração conseguem ver o coração da Palavra.⁷⁸ Para guiar-nos com a sua Palavra, para alimentar-nos com as suas promessas, Deus não permite que façamos imagens dele.

3.2 OUVIR A PALAVRA PARA TORNAR-SE COMUNIDADE

“Deus reúne a nossa comunidade e a mantém unida com seu convite, sua Palavra, seu amor” (C 85). A afirmação constitucional espelha fielmente uma convicção basilar, a que mais explicitamente repete o artigo 87: “O povo de Deus é reunido antes de mais nada pela Palavra do Deus vivo”.

De fato, quando Deus fala reúne os que o escutam. O seu povo nasce convocado pela Palavra e na sua escuta permanece congregado. Antes de penetrar na Terra Prometida, Moisés advertiu todo Israel: “Hoje te tornaste o povo do Senhor teu Deus. Escuta, pois, a voz do Senhor teu Deus!” (Dt 27,9-10). E Jesus declarou seus familiares não os que, parando do lado de fora, mandavam chamá-lo, mas os que, ao redor dele, o escutavam e faziam o que ele dizia (Mc 3,31-35). Ficar a ouvir Deus é a origem e a causa do viver juntos. Tornamo-nos fiéis acolhendo a Palavra de Deus e permanecemos fiéis vivendo a fé em comum.

Reunidos porque salvos

A vida em comum é para o povo de Deus a maneira de viver a salvação de Deus. Viver congregados significa ser salvos dos males e

⁷⁷ Cf. São Gregório Magno, *Moralia* 1 16,43; *Epist.* 31: PL 77, 706.

⁷⁸ *De Doctrina christiana* 4, 5: PL 34, 92.

livres de si mesmos. Israel aprendeu isso através de longo e amargo tirocínio no deserto (Ex 17,1-17.25): numa terra de ninguém, somente Deus podia mantê-lo unido e livre (Dt 7,4; 8,14; 11,2-28), somente alimentado pela sua Palavra conseguiu sobreviver (Dt 8,3). E quando os profetas sonharem uma nova salvação, anunciarão um novo e definitivo agrupamento dos dispersos (Is 43,5; Jr 23,3; 29,14; 32,27; Ez 1,17; 34,14; 36,24), que será cumprido quando um deverá morrer pela nação inteira, “para reunir os filhos de Deus dispersos” (Jo 11,52).

Se da escuta da Palavra nasce o povo de Deus, ninguém pode iludir-se de que ouve a Deus sem se sentir membro da comunidade dos seus ouvintes. Como a Palavra de Deus ouvida faz nascer a comunidade, a melhor forma de responder a Deus é a de tornar-se responsáveis pela vida comum. Esse critério nos convida a fortalecer o sentido de pertença à comunidade, que é reunida “pela Palavra de Deus” (C 87), a ir ao encontro dele acompanhados dos irmãos, a ouvi-lo juntos. Somente na comunidade, nascida e mantida pela Palavra de Deus, se pode entrar nela: com efeito, somente em assembléia nós, fiéis, confessamos que a leitura da Escritura é Palavra do Deus vivo.

Refugar o diálogo entre irmãos, eximir-se de viver juntos, evitar a convivência cotidiana e a oração comum, faz com que não somente os irmãos nos pareçam distantes, mas que também Deus nos fique estranho, alguém que, afinal de contas, não significa muito. Diversa é a experiência de quem ouve a Deus, porque se sente irmão e encontra alegria no empenho de viver juntos e ouvir a Deus. O Gênesis nos lembra que a pretensão de Adão de esconder-se de Deus, a sua recusa de encontrá-lo e responder-lhe (Gn 3,8-9), fez-lhe experimentar o fruto amargo da morte dos seus caros e a ruptura da unidade da sua família. Deus e a sua Palavra tornam possível a vida juntos, porque fazem com que nos descubramos irmãos. A vida fraterna depende, sim, da boa vontade e colaboração de todos os membros da comunidade, mas sobretudo da escuta comum de Deus: “A fraternidade não é somente fruto do esforço humano, mas, também e sobretudo, dom de Deus. É dom que vem da obediência à Palavra de Deus”.⁷⁹

⁷⁹ Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, *A vida fraterna em comunidade*, n. 48.

Responsáveis pelos irmãos

A comunidade, lugar da escuta de Deus, é também espaço de fraternidade. A ela fomos enviados, nela nos são confiados irmãos para amar (cf. C 50). Por isso, não há maravilhar que, quando Deus vem para nos encontrar, nos peça contas dos nossos irmãos. Essa foi a experiência de Caim (Gn 4,9) que, não aceitando a missão de ser guarda do seu irmão Abel, recusou a companhia de Deus (Gn 4,10). Mesmo que isso não o tenha livrado de Deus e de suas perguntas.

Dando-nos “irmãos para amar”, Deus nos confiou sua guarda como tarefa. A nossa obediência a Deus encontra o seu banco de prova na nossa responsabilidade para com os irmãos que nos são confiados. Por um lado, é muito bonito que Deus tome cuidado de nós, pondo-nos na estrada do amor como caminho de crescimento, o caminho mais excelente, segundo São Paulo (1Cor 12,31). Por outro, é uma advertência o que aconteceu a Caim: quem não sabe responder por seu irmão, transforma-se em estrangeiro em sua terra e na própria casa (Gn 4,14).

Se dermos aos nossos irmãos a atenção que merecem, especialmente aos que estão ou se sentem distantes, além do fato de comprovar-nos como bons pastores, encontraremos o lugar e as palavras para conversar com Deus. No Sermão da Montanha, Jesus nos lembra que o encontro com Deus exige, como condição prévia, uma fraternidade não despedaçada ou, se quebrada, restaurada (cf. Mt 5,20-24).

Como afirma a primeira carta de João, “quem não ama o seu irmão, a quem vê, não poderá amar a Deus, a quem não vê” (4,20). Aceitar quem vive ao nosso lado como “alguém que nos pertence”, sujeito ao qual se voltam as nossas atenções, dispõe-nos favoravelmente a esperar Deus e receber suas atenções. Se quisermos fazer da nossa vida comum lugar da escuta de Deus, ela deve ser, antes e sempre, casa onde o irmão é acolhido com coração aberto, aceito como é, provido do que necessita, amparado nos momentos de dificuldade (cf. C 52).

3.3 OUVIR A PALAVRA PARA *PERMANECER FIÉIS*

“A fé nasce da escuta”, escrevia São Paulo aos Romanos (Rm 10,7). A aproximação orante à Palavra de Deus constitui “a raiz da espiritualidade da Igreja, a raiz da espiritualidade cristã, e não é exclu-

siva de uma ou de outra espiritualidade. Uma espiritualidade cristã não baseada na Escritura dificilmente poderá sobreviver num mundo complexo como o moderno, num mundo difícil, espedaçado, desorientado”.⁸⁰ Também nós salesianos teremos dificuldade de nos manter hoje fiéis, se não fizermos da escuta da Palavra de Deus a primeira ocupação da nossa vida, a fonte da nossa missão. Reconhece-o já, com corajosa sinceridade o CGE, quando advertia que o salesiano, na multiplicidade das suas ocupações, pode encontrar obstáculos à escuta. “Tentado pela pressa e pela superficialidade, encontrará o segredo da sua renovação sobretudo na Palavra de Deus aprofundada com seriedade.”⁸¹

Para despertar e alimentar a fé, “é necessário que a escuta da Palavra se torne um encontro vital”, precisamente aquele “que faz colher no texto bíblico a Palavra viva que interpela, orienta, plasma a existência”.⁸² “É justamente aí que o Mestre se revela, educa o coração e a mente. É aí que amadurece a visão de fé, aprendendo a olhar para a realidade e para os acontecimentos com o próprio olhar de Deus, até ter ‘a mente de Cristo’ (1Cor 2,16).”⁸³ Que vem a ser a fé se não contemplar a si mesmos e perscrutar a realidade com o olhar de Deus? E para ver a realidade como Deus a vê, é mister ouvir também o parecer de Deus, acolher a sua Palavra. Acolhida a Palavra, “viva e eficaz” como é (Hb 4,12), ela se torna nossa vida e as promessas de Deus se realizam em nós e através de nós no mundo.

Vou agora comentar brevemente para vós “os benefícios da Palavra ouvida na fé”,⁸⁴ como estão apresentados na nossa Regra de Vida (cf. C 87).

“Fonte de vida espiritual” (C 87)

“A Palavra de Deus é a primeira fonte de toda espiritualidade cristã. Ela alimenta uma relação pessoal com o Deus vivo e com a sua vontade salvífica e santificante.”⁸⁵ Da escuta da Palavra jorra a vida no

⁸⁰ C. Martini, *Perché Gesù parlava in parabole*. Bolonha, Dehoniane, 1985, p. 114.

⁸¹ CGE, 287.

⁸² João Paulo II, *Novo Millenio Ineunte*, n. 39.

⁸³ *Partir de Cristo*, n. 24.

⁸⁴ *Projeto de vida dos Salesianos de Dom Bosco*, p. 625.

⁸⁵ *Vita Consecrata*, n. 94.

Espírito. Sob a sua ação “são defendidos com tenacidade os tempos de oração, de silêncio, de solidão, e se implora do Alto, com insistência, o dom da sabedoria na fadiga de cada dia (cf. Sb 9,10)”.⁸⁶ E é assim que “a pessoa consagrada reencontra a própria identidade e uma serenidade profunda, [e] cresce na atenção às provocações diárias da Palavra de Deus”.⁸⁷

Instrumento de exceção para o crescimento na escuta da Palavra é a *lectio divina*. Ela é um método de leitura crente da Escritura, usado desde os inícios da vida religiosa, que nela sempre gozou da “mais alta consideração. Graças a ela, a Palavra de Deus é transposta para a vida, sobre a qual projeta a luz da sabedoria, que é dom do Espírito”.⁸⁸ Com razão, o CG25, na primeira orientação operativa acerca do testemunho evangélico, exorta a comunidade salesiana a “colocar Deus como centro unificador do seu ser e a desenvolver a dimensão comunitária da vida espiritual, favorecendo a *centralidade da Palavra de Deus na vida comunitária e pessoal mediante a lectio divina*”.⁸⁹

Espero que nenhum de vós pense que, com essa orientação, o CG25 tenha introduzido um elemento estranho à nossa espiritualidade. “A antiga e sempre válida tradição da *lectio divina*”⁹⁰ foi acolhida na vida religiosa desde os inícios e atualmente se faz muito mais necessária: “Hoje, um cristão não pode tornar-se adulto na fé, capaz de responder às exigências do mundo contemporâneo, se não aprendeu a fazer de alguma maneira a *lectio divina*”.⁹¹

Não me parece agora o momento de fazer uma ampla apresentação desse modo de rezar a Palavra de Deus, tão conhecido aliás⁹² e usado com fruto também entre nós. Gostaria, porém, de lembrar-vos a sua finalidade fundamental e aludir brevemente ao seu método como insistentemente convite para que cada um de vós se torne conhecedor experiente e mestre abalizado dele.

⁸⁶ *Vita Consecrata*, n. 71.

⁸⁷ *Idem*.

⁸⁸ *Vita Consecrata*, n. 94.

⁸⁹ CG225, 31. O *itálico* é meu.

⁹⁰ *Novo Millennio Ineunte*, n. 39.

⁹¹ C. Martini, *Programmi pastorali diocesani – 1980-1990*. Milão, 1991, p. 440-441.

⁹² A apresentação “clássica” do método – e, na minha opinião, ainda o melhor – é o de Guido H. Cartuxo, *Scala Claustralium*. PL 184, 475-484, cuja leitura recomendo vivamente.

Diria que o objetivo da *lectio divina* é escutar a Deus, rezando a sua Palavra, para ver a si mesmos como Ele nos vê e querer a si mesmos como Ele nos quer. Chega-se a Ele mediante uma aproximação sapiencial à Palavra escrita, que conserva a experiência de quantos consagraram sua vida a ouvir a Deus, para compreender a realidade e a eles próprios como palavras de Deus. Na *lectio* a Palavra de Deus torna-se chave da compreensão de si. Procura-se deixar que Deus nos diga quem somos nós para Ele e o que quer Ele de nós.

Para tornar-se familiar, a *lectio divina*, como qualquer método de oração, requer exercício, mas exige sobretudo vontade de escuta e disponibilidade de obediência. Na mais sólida tradição apresenta quatro etapas ou “graus espirituais”: a leitura (*lectio*), a meditação (*meditatio*), a oração (*oratio*) e a contemplação (*contemplatio*). Mais recentemente, segundo o espírito da modernidade, acrescentou-se outra etapa: a ação (*actio*). Indicam-se também com frequência outros elementos (*discretio*, *deliberatio*, *collatio*, *consolatio* etc.), mas na realidade eles não passam de aspectos que, de hábito, acompanham as etapas fundamentais.

- **Leitura.** Inicia-se a *lectio divina* lendo com atenção. Seria melhor dizer: relendo diversas vezes o texto no qual procuramos ouvir a Deus. O texto escolhido pode parecer-nos de fácil compreensão, ou bem conhecido. Não importa. Deve-se repassá-lo até que se torne familiar, quase aprendendo-o de cor, “pondo em relevo os elementos fundamentais”.⁹³ Não se vai além desse primeiro ponto enquanto não se pode responder à pergunta: *o que significa na realidade o que acabo de ler?*
- **Meditação.** Descoberto o sentido do texto bíblico, o leitor atento procura envolver-se pessoalmente, aplicando o significado captado à própria vida: *o que me diz o texto?* “Meditar o que se lê leva a apropriar-se do texto, confrontando-o consigo mesmos. Abre-se aqui outro livro: o livro da vida. Passa-se dos pensamentos à realidade. Conduzidos pela humildade e pela fé,

⁹³ C. Martini, *La gioia del vangelo: meditazione ai giovani*. Casale Monferrato, Piemonte, 1988, p. 12.

descobrimos os movimentos que agitam o coração e podemos discerni-los.”⁹⁴ A Palavra ouvida pede consenso, não é acolhida se não chega ao coração e opera conversão. Compreender o texto leva a compreender-se à sua luz. Assim, o texto lido e compreendido se torna norma de vida: *o que fazer para cumpri-lo? Como fazer para dar aquele sentido à própria existência?*

- **Oração.** Conhecer, adivinhar e mesmo só imaginar o que Deus quer leva naturalmente à oração. Destarte se torna ardente desejo o que deve tornar-se a vida cotidiana. O orante não pede tanto aquilo que lhe falta, mas o que Deus lhe fez ver e compreender. Começa-se a aspirar àquilo que Deus nos pede: faz-se da vontade de Deus sobre nós o objeto da nossa oração.
- **Contemplação.** Do desejo de fazer a vontade de Deus, se passa pouco por vez, quase sem perceber, à adoração, ao silêncio, ao louvor, “à entrega humilde e pobre à vontade amorosa do Pai em união cada vez mais profunda com o seu Filho bem-amado”.⁹⁵ Do contemplar a si mesmos e o próprio mundo à luz de Deus, do ver-se como Deus nos vê, passa-se ao contemplar-se vistos por Deus, ao saber-se diante daquele que é o objeto do nosso desejo, o interlocutor único da nossa oração. À diferença das etapas anteriores, que são exercícios que requerem força de vontade, “a oração contemplativa é um dom, uma graça”,⁹⁶ nem normal nem devida. Pode-se esperá-la e desejá-la, pedir e acolher, nunca ter automaticamente.

Posso revelar-vos que me sinto pessoalmente obrigado com a opção do CG25 de “reavivar continuamente e expressar o primado de Deus nas comunidades”, orientando a Congregação a centrar a vida pessoal e a comunitária na Palavra de Deus, em primeiro lugar “mediante a *lectio divina*”.⁹⁷ Isso é muito importante para mim – digo-o a

⁹⁴ *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2706.

⁹⁵ *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2712.

⁹⁶ *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2713.

⁹⁷ CG25, 30 e 31.

vós com palavras do cardeal Martini –, porque “não me cansarei nunca de repetir que a *lectio* é um dos principais meios com que Deus quer salvar o nosso mundo ocidental da ruína moral que pesa sobre ele pela indiferença e pelo medo de crer. A *lectio divina* é o antídoto que Deus propõe nestes últimos tempos para favorecer o crescimento daquela interioridade sem a qual o cristianismo (...) corre o risco de não superar o desafio do terceiro milênio”.⁹⁸

Forma privilegiada e concreta da *lectio divina* é a meditação cotidiana (C 93).⁹⁹ Dom Bosco recomendava insistentemente aos seus filhos, a ponto de escrever nas lembranças confidenciais aos diretores: “Jamais omitir todas as manhãs a meditação”.¹⁰⁰ Acolhendo o seu pensamento, as *Constituições* atestam que “essa forma indispensável de oração (...) fortalece nossa intimidade com Deus, salva da rotina, conserva o coração livre e alimenta a doação ao próximo”. O artigo conclui afirmando que a meditação fielmente praticada nos faz caminhar também na alegria e é, por isso, uma garantia da nossa perseverança. Faço votos por que tenha chegado o momento de valorizar de novo a meditação, nem sempre e em toda a parte suficientemente praticada por todos.

“Alimento para a oração” (C 87)

“Não só de pão vive o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus” (Mt 4,4; cf. Dt 8,3). Na vida cristã a Palavra de Deus “é alimento para a vida, para a oração e para o caminho cotidiano”. Oração e contemplação “são o lugar de acolhida da Palavra de Deus e, ao mesmo tempo, brotam da escuta da Palavra”.¹⁰¹ Não foi por acaso que o CG25 disse que algum enfraquecimento da fé, presente em nossas comunidades, se manifesta em primeiro lugar “no enfraquecimento da vida de oração”.¹⁰² Com efeito, “uma vida espiritual autêntica exige que todos, embora nas diversas vocações, dediquem regularmente, todos os dias, momentos apropriados a avançar em profundidade no

⁹⁸ C. Martini, *Programmi pastorali diocesani 1980-1990*, p. 521.

⁹⁹ Cf. *Projeto de vida dos Salesianos de Dom Bosco*, p. 657-658.

¹⁰⁰ *Epistolário I*, carta 331, p. 288-290.

¹⁰¹ *Partir de Cristo*, n. 24 e 25.

¹⁰² CG25, 54.

colóquio silencioso com Aquele pelo qual sabem serem amados, a fim de partilhar com Ele a própria vida e receber luz para continuar o caminho cotidiano. É o exercício ao qual se deve ser fiéis, porque somos ameaçados constantemente pela alienação e pela dissipação proveniente da sociedade de hoje, especialmente pelos meios de comunicação. Por vezes, a fidelidade à oração pessoal e litúrgica exigirá um esforço autêntico para não nos deixarmos absorver por um agitado ativismo”.¹⁰³

É possível que as dificuldades e os desafios que a nossa vida comum enfrenta hoje – e o CG25 fez uma ampla lista deles¹⁰⁴ – provenham em parte da incapacidade de viver *liturgicamente* a fé e de viver como comunidade orante. É sintomático que habitualmente não consigamos discernir os “sinais dos tempos”, identificar o que Deus quer de nós, quando não vivemos como comunidade convocada por Ele. A falta do sentido de pertença a uma comunidade orante, a pretensão de ir sozinhos para Deus, não permitem encontrar Deus, nem ouvir a sua Palavra. Recordava-nos o Concílio Vaticano II: “A leitura da Sagrada Escritura deve ser acompanhada da oração, a fim de que se estabeleça o diálogo entre Deus e o homem”.¹⁰⁵

O descuido da oração comunitária, que pode existir em alguma comunidade ou em alguns irmãos, torna mais fadigosa a inserção cordial e alegre na vida comum e abafa o som da Palavra que Deus nos quer dirigir. Para o crente bíblico há ordinariamente um canal privilegiado de transmissão da Palavra de Deus: a comunidade litúrgica. Uma procura sincera da vontade de Deus nos leva a fazer da liturgia comunitária o tempo habitual e o lugar privilegiado da escuta de Deus. É significativo que na oração dos Salmos seja freqüente ouvir o próprio Deus que pede para ser ouvido: “Escuta, meu povo, quero te avisar; Israel, quem me dera que me ouvisses!” (Sl 81,9; cf. 78,1). Na Bíblia a oração não é somente a ocasião que o fiel tem para fazer conhecer a Deus suas inquietudes e necessidades pessoais, mas é sobretudo a oportunidade que concede a Deus para que lhe fale e lhe faça conhecer a sua vontade. Quem deseja ouvir a Deus deverá entreter-se com Ele na oração, especialmente comunitária.

¹⁰³ *Partir de Cristo*, n. 25.

¹⁰⁴ Cf. CG25, 54.

¹⁰⁵ *Dei Verbum*, n. 25.

Gostaria de lembrar aqui dois momentos da nossa vida de oração comunitária, que, pondo-nos “cotidianamente nas mãos a Sagrada Escritura”,¹⁰⁶ são para nós excelente ocasião para exercitar-nos a acolher a Palavra de Deus enquanto rezamos juntos.

O primeiro, obviamente, é a *celebração da Eucaristia*, “o ato central cotidiano de toda comunidade salesiana”. Nela, “a escuta da Palavra encontra o seu lugar privilegiado” (C 88). Tal afirmação da nossa Regra de Vida reflete uma firme convicção da tradição patrística, que por sua vez se funda no ensinamento de Jesus, o qual diz ser pão de vida, mediante a sua palavra e o seu corpo, para aqueles que nele crêem (Jo 6,47.54). Na palavra acolhida recebemos o Cristo, como o recebemos na Eucaristia.¹⁰⁷ “A Igreja sempre venerou as divinas Escrituras, da mesma forma como o próprio Corpo do Senhor, já que, principalmente na Sagrada Liturgia, sem cessar toma da mesa tanto da palavra de Deus quanto do Corpo do Cristo.”¹⁰⁸

Na Eucaristia, que celebramos todos os dias, é-nos preparada justamente essa dúplice mesa, com esse único pão de vida. Trata-se de uma graça semelhante à vivida pelos discípulos de Emaús, que nos permite abrir os olhos, ver o Cristo ressuscitado quando parte o pão, e reconhecê-lo (Lc 24,30-31). Mas para que isso aconteça, é necessário caminhar junto com Ele e ouvi-lo enquanto nos explica as Escrituras. Somente assim sentiremos arder o nosso coração (Lc 24,32). Numa palavra, primeiro o escutamos e depois o vemos.

Estou convencido de que, se nos familiarizarmos com a sua palavra e as suas exigências, será mais fácil reconhecer o seu rosto e descobri-lo entre nós. Certamente, para ouvi-lo temos necessidade de aplicação atenta e também de estudo constante, como nos recordava o padre Vecchi: “A Eucaristia está totalmente impregnada de palavra de Deus (...). Não é pensável que essa riqueza seja colhida na celebração eucarística, se não for preparada por uma verdadeira iniciação na Bíblia”.¹⁰⁹

¹⁰⁶ *Perfectae Caritatis*, n. 6.

¹⁰⁷ São Jerônimo, *Breviarium in Psalmum* 147: PL 26, 1334; Santo Agostinho, *Sermo* 56, 10: PL 38,381.

¹⁰⁸ *Dei Verbum*, n. 21. Cf. *Presbiterorum Ordinis*, n. 18; *Sacrosanctum Concilium*, n. 51.

¹⁰⁹ J. Vecchi “Isto é o meu corpo, que é oferecido por vós”, ACG 371 (2000), p. 49.

O segundo momento de oração comunitária, no qual a Palavra de Deus tem uma grande presença, é a *Liturgia das Horas*, “o coração pulsante do dia do fiel”.¹¹⁰ A Liturgia das Horas “estende às diversas horas do dia a graça do mistério eucarístico”.¹¹¹ Nela “a comunidade (...) louva e suplica ao Pai, nutre sua união com Ele e *se mantém atenta à vontade divina*” (C 89. *Itálico* meu).

Sem dúvida, a redescoberta da oração litúrgica por parte das famílias religiosas foi “uma das aquisições mais preciosas” do pós-Concílio. “A celebração em comum da Liturgia das Horas, ou pelo menos de algumas partes, revitalizou a oração de não poucas comunidades, que foram levadas a um contato mais vivo com a Palavra de Deus e com a oração da Igreja.”¹¹² E nós estamos empenhados em celebrá-la “com a dignidade e o fervor que Dom Bosco recomendava” (C 89).

Rezar com a Igreja e como Igreja já é um belo motivo para nos esmerarmos cada vez mais na celebração cotidiana da Liturgia das Horas, fonte e campo de formação espiritual.¹¹³ Mas gostaria de lembrar dois outros motivos que me parecem importantes. Nos Salmos encontramos a palavra de Deus dirigida a nós, porque é Escritura Santa. Ao mesmo tempo, encontramos a palavra que podemos dirigir a Deus, porque é oração nossa: as mesmas palavras servem para Deus e para nós a fim de nos expressarmos mutuamente. Com os Salmos rezamos o que Deus nos diz de si, de nós, dos outros, dos seus planos, mas rezamos também o que queremos dizer a Ele. Além disso, as *Laudes* e as *Vésperas*, estrategicamente colocadas ao longo do dia de trabalho, nos ajudam a reencontrar a Deus após havê-lo procurado e servido, e talvez também esquecido, nas muitas ocupações do dia-a-dia.

“Luz para conhecer a vontade de Deus nos acontecimentos” (C 87)

“Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos, renovando vossa maneira de pensar e julgar, para que possais distinguir o

¹¹⁰ A. Cencini, “Preghiera e formazione permanente: il respiro della vita”, *Testimoni* 4 (2003), p. 10.

¹¹¹ IGLH 12; cf. C 89.

¹¹² *A vida fraterna em comunidade*. “Congregavit nos in unum Christi amor”, n. 14.

¹¹³ Cf. CG25, 26.31.61.

que é da vontade de Deus, a saber, o que é bom, o que lhe agrada, o que é perfeito” (Rm 12,2). Hoje fala-se muito de discernimento, e me parece justo. Ele é fruto, sobretudo, da escuta da Palavra, dócil e paciente. Nela podemos encontrar o que Deus quer hoje de nós e como o quer. Para interpretar “os sinais dos tempos numa realidade como a nossa, na qual são numerosas as zonas de sombra e de mistério, é preciso que o próprio Senhor – como com os discípulos a caminho de Emaús – se faça nosso companheiro de viagem e nos dê o seu Espírito. Só Ele, presente entre nós, pode fazer-nos compreender plenamente a sua Palavra e atualizá-la, pode iluminar as mentes e aquecer os corações”.¹¹⁴

De fato, “sempre houve homens e mulheres de oração que realizam, quais autênticos intérpretes e executores da vontade de Deus, grandes obras. Da freqüentação da Palavra de Deus, eles retiraram a luz necessária para o discernimento individual e comunitário que os ajudou a procurar nos sinais dos tempos os caminhos do Senhor. Dessa forma, eles adquiriram *uma espécie de instinto sobrenatural*”,¹¹⁵ isto é, o olhar de fé, sem o qual “a própria vida perde gradualmente sentido, o rosto dos irmãos se faz opaco e é impossível descobrir nele o rosto de Cristo, os acontecimentos da história permanecem ambíguos ou até privados de esperança, a missão apostólica e caritativa decaem em atividade dispersiva”.¹¹⁶

Consciente das dificuldades que a vida comunitária encontra entre nós para se tornar “dom e profecia de comunhão”,¹¹⁷ o CG25 pediu às comunidades locais que valorizem “a prática do discernimento comunitário à luz da Palavra de Deus e das *Constituições*”,¹¹⁸ e garantam as “condições suficientes para que cada irmão possa dar ao seu ser e agir um sentido de unidade profunda, praticando o discernimento evangélico como atitude de busca da vontade de Deus”.¹¹⁹

Confesso-vos que não julgo possível um verdadeiro discernimento, seja pessoal seja comunitário, sem a prática cotidiana do exame de

¹¹⁴ *Partir de Cristo*, n. 2.

¹¹⁵ *Vita Consecrata*, 94.

¹¹⁶ *Partir de Cristo*, n. 25.

¹¹⁷ CG25, 13.

¹¹⁸ CG25, 15. Cf. CGE, 287-288.

¹¹⁹ CG25, 32.

consciência.¹²⁰ E me explico. A vida é vocação. Existimos porque fomos criados pessoalmente por Deus, “feitos e plasmados com suas mãos” (Sl 118,73; cf. Gn 2,7). Não vivemos porque quisemos, mas porque fomos desejados, chamados do nada (Gn 1,26). E justamente porque a vida é efeito da vontade de Deus, não se pode viver para além e fora da vontade divina. Se não existimos porque escolhemos, não deveríamos existir como nos parece: a vida, concedida gratuitamente, tem limites a serem respeitados (Gn 2,6-17) e tarefas a serem executadas (Gn 1,28-31).

De nada serviria reconhecer Deus e reconhecer-nos obrigados a Ele, se depois não nos preocupássemos em procurá-lo na nossa vida e, como consequência, organizá-la – *ordená-la*, diz Santo Inácio de Loyola –.¹²¹ Devemos estar atentos à escuta da voz de Deus para compreender o que nos pede hoje, para intuir qual poderia ser a sua “anunciação” (cf. Lc 1,26-38) nos acontecimentos que nos envolvem. Torna-se, pois, necessário discernir, isto é, ter “a capacidade de distinguir o que nas minhas ações está segundo o Espírito de Cristo e o que lhe é contrário”, “de não agir por impulso” e, quando se age, “compreender de onde vem aquele impulso”,¹²² o que produz e até onde me leva.

Como fazer para discernir? Mediante o exame de consciência. Ele, mais que elemento formal da oração da noite, é um verdadeiro caminho de crescimento espiritual. Quem o faz aprende a olhar a realidade, própria e alheia, com o olhar de Deus e no seu coração. O exame é uma oração, cujo objeto é a própria existência e cujo objetivo está em reconhecer com lucidez o projeto de Deus sobre ela e em assumi-lo com responsabilidade. Descobrir as pegadas de Deus no cotidiano, dar-se conta da sua presença e da sua ação enquanto acontece no dia, é a meta do exame e o seu melhor fruto. “Um exame de consciência assim nos leva a descobrir o significado e o sentido da vida. Por esse motivo, ele parte da escuta de Deus que nos fala através das pessoas, dos encontros, dos eventos, da história.”¹²³

¹²⁰ Sobre o tema, S. Fausti, *Occasione o tentazione? Arte di discernere e decidere*. Milão, 1999.

¹²¹ *Exercícios Espirituais*, 1.

¹²² C. Martini, *Essere nelle cose del Padre: riflessioni sulla scelta vocazionale*. Cassale Monferrato, Piemonte, 1992, p. 50.

¹²³ M. I. Rupnik, *L'esame di coscienza: per vivere da redenti*. Roma, 2002, p. 74

De nós salesianos, como apóstolos consagrados, espera-se a capacidade de fazer projetos de vida que nos ajudem acrescer verdadeiramente no caminho espiritual. De nós, como educadores por vocação, espera-se a coragem de propor o exame de consciência como modalidade de oração a ser partilhada também com os jovens e com os leigos que colaboram conosco. E pensar que bastariam *apenas* dez minutos – todos os dias, porém! – para fazer esse exercício que, quando se faz fielmente, nos leva a encontrar Deus no dia-a-dia, reconhecendo o que operou em nós e por nós (Rm 5,28)!

Proponho-vos, num simples esboço, um percurso fácil para reler a própria vida sob o olhar de Deus.

- **Na presença de Deus.** Antes de começar o exame, reaviva-se de maneira mais nítida possível a consciência de estar diante de Deus, olhados por Ele e por Ele amados. Antes de contemplar-se a si mesmo, o fiel sabe e quer ser contemplado por Deus e se habitua a ver-se e amar-se como Deus o vê e o quer.
- **Dando graças** (*confessio laudis*). Começa-se ordinariamente o exame “louvando e agradecendo a Deus os seus dons, o seu plano de amor, a bondade que exprime na vida de cada um de nós. À luz dos dons de Deus, as minhas correspondências ao seu plano podem ser expressas com mais destaque e com mais verdade pessoal”,¹²⁴ sem autocomplacência, mas também sem autocomiseração.

A memória “eucarística” é ponto de partida obrigatório para chegar ao conhecimento do bem recebido. O fiel se reconhece cumulado de graça mais que julgado, amado mais que acusado, com a condição que saiba compreender a obra de Deus em si (1Ts 5,18) antes de aceitar os próprios limites. O primeiro escrutínio que, na presença de Deus, se deve fazer é o dos dons recebidos ou por receber (cf. Jo 4,10). Tomando destarte consciência dos seus dons, torna-se mais importante a presença do Doador, que doa a si mesmo nos seus dons.

¹²⁴ C. Martini, *Mettere ordine nella propria vida: meditazioni sul testo degli Esercizi de sant'Ignazio*. Casale Monferrato, Piemonte, 1992, p. 59.

- **Reconhecimento das dívidas** (*confessio vitae*). Os dons concedidos e reconhecidos põem a descoberto a dívida contraída: quanto maior a graça recebida, tanto mais responsabilidade se tem. Conhecer a própria dívida e aceitá-la é também graça que é pedida, porque é o início da volta a Deus, dom do perdão. Para reconhecer um pecado ou defeito não é preciso saber explicá-lo nem justificá-lo, nem mesmo conviver em paz com ele. A graça de reconhecer-se pecadores diante de Deus é, na realidade, o dom de saber ser amados antes e sem limites por Ele. Por isso, admitir o próprio pecado nos torna humildes, nos faz voltar às nossas origens, ao *húmus*, terra não ainda soprada pelo Espírito, sem nos condenarmos a viver humilhados. Quem pede perdão a Deus não faz outra coisa se não pedir o dom do seu amor.

“A surpresa de descobrir-se amados é a mais forte e radical decisão de renunciar ao mal e abraçar uma vida de virtude. Descobrir-se amados comove, leva ao arrependimento, a reconhecer o pecado, a confessá-lo e a pedir perdão. E o amor com o qual o Senhor me atinge é a força com que me defenderei no futuro do pecado. A vontade de melhorar, de não mais pecar, a decisão de renunciar ao pecado será sadiamente eficaz somente se fundada no amor no qual me surpreendo, às vezes até em lágrimas. Descobrir o próprio pecado diante do rosto do Senhor, ou mesmo ter a graça de vê-lo nele que o assume, leva ao arrependimento. (...) O arrependimento leva a casa.”¹²⁵

- **Empenho de conversão** (*confessio fidei*). Quem retorna a Deus procura ficar com Ele. O dom do perdão produz o desejo de deixar-se conduzir por Deus. A proposta de emenda não é, pois, um esforço dentro das minhas possibilidades, nem o empenho de luta para cobrir as minhas carências. A desejada correção surge da contemplação da graça não correspondida. Não é o fiel quem fixa a meta da sua conversão. No máximo ele estabelece os ter-

¹²⁵ Rupnik, *O exame de consciência*, p 78.

mos e o itinerário. É Deus que nos quer muito bem e nos revela que bem quer de nós. Da sua graça, e pela sua vontade, nasce em nós o desejo de voltar a Ele e permanecer com Ele. Assim, a graça pedida da conversão a Deus encerra um processo que se havia iniciado, lembrando as graças já concedidas e experimentadas.

O escopo do exame de consciência não é tanto o de analisar a própria intimidade, quanto descobrir “Deus em todas as coisas e todas as coisas em Deus”, como diria um grande perito do discernimento. “Graças à familiaridade com o Senhor, favorecida pelo exercício do exame, se consegue adquirir a consciência de como o Senhor se manifesta em nós e de como nós vivemos com Ele, que faz deveras amadurecer a fé. O exame favorece uma consciência do olhar de Deus sobre nós e de como nós nos movemos nessa relação. Essa consciência do olhar de Deus sobre nós é a maturidade da fé.”¹²⁶

“Força para viver na fidelidade a nossa vocação” (C 87)

“Lâmpada para meus passos é a tua palavra, e luz no meu caminho” (Sl 119,105). Os tempos em que vivemos fazem-nos sentir “a necessidade de contínua transformação de mentalidade, dos estilos de vida, dos critérios e das metodologias educativo-pastorais, e também das estruturas, em constante fidelidade ao carisma originário”.¹²⁷ Essa exigência nos atinge não somente porque estamos inseridos num mundo que hoje muda com um ritmo frenético, mas porque, ainda antes, a vida salesiana exige de nós fidelidade ao mundo, isto é, uma constante disponibilidade para responder aos seus desafios, e fidelidade à nossa missão na Igreja em favor dos jovens. Pois bem, como pessoas consagradas, conseguiremos ser fiéis se formos “capazes de *rever[nos] continuamente (...) à luz da Palavra de Deus*”.¹²⁸

Viver sob a Palavra de Deus significa estar diante de Deus, assim como somos, sem possibilidade de nos escondermos da sua presença (Gn 3,8-9; Sl 138,9). “Luz verdadeira que ilumina todo homem” (Jo

¹²⁶ Rupnik, *O exame de consciência*, p. 85.

¹²⁷ CG25, 51.

¹²⁸ *Vita Consecrata*, n. 85.

1,9), sua Palavra faz emergir em nós a nossa verdade, nem sempre enfrentada e por vezes até renegada. As zonas muitas vezes obscuras do nosso coração se tornam iluminadas e adquirem sentido porque nos deixam ver e reconhecer o que em nós se opõe à Palavra, as raízes muitas vezes inconfessadas de certas atrações menos evangélicas, as subtilíssimas tendências motivacionais, que correm o risco de nunca serem descobertas e que minam na raiz – justamente porque incontroladas – toda opção de vida evangélica. “Refugar, por isso, o encontro com a Palavra do Pai é fechar a possibilidade de aproximar-se de si, decifrar-se, compreender-se, perdoar-se, acolher-se, possuir-se, projetar-se, dispor de si. De amar-se.”¹²⁹ A escuta da Palavra traz como fruto sentir-se amado por Deus e, assim, permanecer fiéis.

Viver sob a Palavra de Deus significa, além disso, assistir admirados ao revelar-se de Deus, presenciar com espanto sua epifania cotidiana e progressiva no mundo e no próprio coração. Quando Deus nos fala, se revela, e mostrando-se, nos procura porque nos ama, nos manifesta uma fidelidade que “não conhece fim e se renova cada manhã” (Lm 3,23-23), nos perscruta e nos desvenda (cf. Sl 138,11-12), e diante da nossa incredulidade, reafirma a sua lealdade (Rm 3,3). É nessa fidelidade infrangível, não rompida nem sequer pelos nossos abandonos, que podemos pensar em voltar à aliança e chegar a conhecer a sua fidelidade (cf. Os 2,21-22). A escuta da Palavra nos permite experimentar a fidelidade de Deus e nos comunica a energia e a coragem para permanecer-lhe fiéis. Pessoalmente, encontro dificuldade em imaginar uma vida de fidelidade a Deus, se não for feita de atenção, interesse, docilidade e acolhida da sua Palavra.

3.4 Escutar para tornar-se apóstolos

“Isso que vimos e ouvimos, nós vos anunciamos” (1Jo 1,3). A Palavra ouvida é transmitida. Não é um dom que se deve guardar cuidadosamente para nós. A obediência a Deus torna-se missão no mundo, porque somos apóstolos. “Nutridos pela Palavra, feitos homens e mu-

¹²⁹ M. M. Morfino, “Scoprire le tue Parole è entrare nella Luce: la Parola di Dio *informa* la vita del credente”, *Theologica & Histórica – Annali della Pontificia Facoltà Teologica della Sardegna*, Cagliari, 1999, p. 42.

lheres novos, livres, evangélicos, os consagrados poderão ser autênticos *servos da Palavra* no empenho da evangelização. É assim que cumpram uma prioridade para a Igreja no início do novo milênio.”¹³⁰

Num mundo onde muitas vezes parecem perdidas as pegadas de Deus – e como salesianos contemplamos com preocupação o mundo dos jovens –, espera-se de nós um testemunho persuasivo pela sua coerência *entre o anúncio e a vida*, e profético pela sua *afirmação do primado de Deus e dos bens futuros*. Pois bem, “*a verdadeira profecia nasce de Deus, da amizade com Ele, da escuta atenta da sua Palavra nas diversas circunstâncias da história. O profeta sente arder no coração a paixão pela santidade de Deus e, após haver acolhido no diálogo da oração a sua palavra, proclama-a com a vida, com os lábios e com os gestos, fazendo-se porta-voz de Deus contra o mal e o pecado. O testemunho profético exige constante e apaixonada busca da vontade de Deus, generosa e imprescindível comunhão eclesial, exercício do discernimento espiritual, amor à verdade. Ele se expressa também com a denúncia do que é contrário à vontade divina e com a exploração de caminhos novos para viver o Evangelho na história, com vistas ao Reino de Deus*”.¹³¹

Educadores e evangelizadores dos jovens do terceiro milênio, temos a responsabilidade apostólica de escutar a Deus *pelos jovens*, mas também *com os jovens*. Isso nos aponta duas tarefas que não se devem descuidar na Pastoral Juvenil.

Conseguir *criar ambientes de forte impacto espiritual*

O premente apelo a *voltar aos jovens*, feito por mim desde a primeira intervenção como Reitor-Mor,¹³² e que muitas vezes repito nos lugares aonde vou, não é motivado apenas pelo fato de estar convencido de que “*Deus nos está esperando nos jovens* para oferecer-nos a graça do encontro com Ele”,¹³³ mas também pelo fato de que os jovens hoje têm uma enorme necessidade de Deus, ainda que nem sempre saibam manifestá-la.

¹³⁰ *Partir de Cristo*, n. 24.

¹³¹ *Vita Consecrata*, n. 84.

¹³² P. Chávez, “Discurso no encerramento do CG25”, CG25, 158.

¹³³ CG23, 95; cf. C 95.

“Chamados, todos e em qualquer ocasião, a ser educadores da fé”, nós salesianos “caminhamos com os jovens para conduzi-los à pessoa do Senhor ressuscitado e ajudá-los a descobrir “nele e no seu Evangelho o sentido supremo da própria vida” (C 34). Construir a vida tendo Cristo como referência fundamental é a meta da nossa pastoral. Se quisermos deveras ajudar os jovens “a ver a história como Cristo, a julgar a vida como ele, a escolher e a amar como ele, a esperar como ele ensina, a viver nele a comunhão com o Pai e o Espírito Santo”,¹³⁴ devemos encaminhá-los ao encontro pessoal com o Cristo que nos vem ao encontro na sua Palavra e nos sacramentos (cf. C 36).

O Papa falou da “necessidade de um cristianismo que se distinga, antes de tudo, na *arte da oração*”. Ou “não é talvez um ‘sinal dos tempos’ que hoje se note, no mundo, não obstante os amplos processos de secularização, *uma difusa exigência de espiritualidade*, que em grande parte se expressa justamente numa *renovada necessidade de oração*”?¹³⁵ Ou não é também experiência de todos nós, como foi de João Paulo II, que há jovens “desejosos de oração, de ‘sentido’, de amizade”?¹³⁶ É urgente que “*a educação para a oração* se torne de alguma maneira um ponto qualificativo de toda programação pastoral”.¹³⁷ As nossas comunidades, como toda comunidade cristã, devem tornar-se “*autênticas ‘escolas’ de oração*, nas quais o encontro com Cristo não se expresse apenas em pedido de ajuda, mas também em ação de graças, louvor, adoração, contemplação, escuta, ardor de afetos, até a um verdadeiro coração ‘apaixonado’. Uma oração intensa, mas sem afastar do compromisso na história: abrindo o coração ao amor de Deus, abre-o também ao amor dos irmãos, e torna capazes de construir a história segundo o plano de Deus”.¹³⁸

Por isso, o CG25 pediu às comunidades salesianas que criassem “ambientes de forte carga espiritual” para os nossos jovens, muitos dos

¹³⁴ CG23, 114. Cf. Dicastério para a Pastoral Juvenil Salesiana, *A Pastoral Juvenil Salesiana: quadro de referência fundamental*. Roma, 2000, p. 221.

¹³⁵ *Novo Millenio Ineunte*, n. 32 e 33.

¹³⁶ *Novo Millenio Ineunte*, n. 9.

¹³⁷ *Novo Millenio Ineunte*, n. 34.

¹³⁸ *Novo Millenio Ineunte*, n. 33.

quais estão “num mundo secularizado (...), que procura novas experiências espirituais e que vive a irrelevância da fé”.¹³⁹ Desses “ambientes de forte impacto para fazer experiência dos valores evangélicos” pede-se em primeiro lugar que proponham e vivam “momentos de intensa experiência espiritual com os jovens”,¹⁴⁰ “promovendo, nos modos afinados ao próprio carisma, escolas de oração, de espiritualidade e de leitura orante da escritura”,¹⁴¹ que formem os jovens numa atitude constante de oração pessoal, de contatos com a Palavra de Deus e com a Eucaristia.

Nós nos converteremos em “apaixonados mestres e guias, santos e formadores de santos, como foi São João Bosco,¹⁴² se as nossas comunidades procurarem “ser lugares para a escuta e a partilha da palavra, a celebração litúrgica, a pedagogia da oração, o acompanhamento e a direção espiritual”.¹⁴³ Se como comunidade abrirmos o coração à graça e permitirmos que a Palavra de Deus passe através de nós com toda a sua força e se, num clima de acolhida cordial, oferecermos aos jovens “válidas iniciativas espirituais, como escolas de oração, exercícios e retiros espirituais, dias de solidão, escuta e direção espiritual”, estaremos capacitados para encaminhá-los a “um discernimento melhor da vontade de Deus sobre si mesmos e a decidir-se a opções corajosas, por vezes heróicas, exigidas pela fé”.¹⁴⁴ Garanto-vos que não poderia desejar-vos coisa melhor nem poderia imaginar melhor serviço apostólico.

Oferecer uma pastoral de processos de amadurecimento espiritual

“Na atual cultura complexa e fragmentada – pergunta o CG25 – como é que a comunidade pode realizar processos de discernimento e de conversão pastoral e passar de uma pastoral de atividades e urgências a uma pastoral de processos?”¹⁴⁵

¹³⁹ CG225, 44.

¹⁴⁰ CG25, 47.

¹⁴¹ *Vita Consecrata*, n. 94

¹⁴² João Paulo II, “Mensagem para o início do Capítulo Geral”, CG25, 143.

¹⁴³ *Partir de Cristo*, n. 8.

¹⁴⁴ *Vita Consecrata*, n. 39.

¹⁴⁵ CG25, 44.

Uma resposta válida, ainda que simples esboço, já a havia dado o CG23, ao reconhecer que a Congregação tinha percorrido um caminho de renovação que a levara a recuperar a missão específica salesiana (CG20), assumida pela comunidade com um projeto (CG21) e vivida como paixão por Deus em meio aos jovens (CG22), até suscitar o desejo de percorrer um caminho de fé juntamente com eles e na medida deles.¹⁴⁶ Empenhados em dar forma àquele caminho, que é “em substância a *espiritualidade juvenil salesiana*”, os capitulares propuseram-se a fazer “tudo isso a exemplo do Senhor e seguindo o método da sua caridade de Bom Pastor *no caminho de Emaús*”.¹⁴⁷

A proposta bem acertada de reler o relato de Emaús (Lc 24,13-35) continua ainda hoje uma visão de longo alcance, antes, normativa para todos os que sentem a necessidade de referir-se à Palavra de Deus para oferecer *um modelo de processo* de pastoral juvenil salesiana, no qual se apresentam não só as metas a serem atingidas, mas também a metodologia a ser usada e as experiências a serem vividas. Trata-se de refazer junto com os jovens o caminho de fé e de “levá-los à pessoa do Senhor ressuscitado” (C 34).

“*Tomemos a iniciativa do encontro e coloquemo-nos ao lado dos jovens*” (CG23, 93), como fez Jesus com os dois discípulos de Emaús, e representando-o, vamos ao encontro deles, onde eles se encontram, valorizando o que de bom descobrimos. Aproximemo-nos deles e ponhamo-nos a caminhar juntos (cf. Lc 24,15), acolhamo-los nos nossos ambientes com desinteresse e com solicitude no nosso coração. Não nos preocupemos com seu estado de desconcerto e desorientação. Aceitemo-los como são, sem preconceitos nem acusações, e acompanhemo-los pelo caminho da sua vida. A nossa presença vizinha e amigável os fará descobrir que Jesus vive e se preocupa com a existência deles.

“*Com eles percorremos o caminho, ouvindo, partilhando seus anseios e aspirações*” (CG23, 93). Não basta tornar-se próximos no acompanhamento pessoal, ainda que cordial. É mister o diálogo, a conversação sobre o que ocupa e preocupa os jovens; saber deles, e não

¹⁴⁶ Cf. CG23, 1-10.

¹⁴⁷ CG23, 92, 93.

por ouvir dizer, suas necessidades e sonhos, compreender seus pontos de vista e conhecer seus valores. Para ser acolhidos, devemos acolher o mundo deles, conhecer seus motivos para compartilhá-los e, se possível, apropriar-se deles. “Escondidos em suas expectativas, trazem em si as sementes do Reino.”¹⁴⁸ “Ir e encontrar os jovens (...), e colocarmo-nos em atenta escuta de suas perguntas e aspirações são para nós opções fundamentais que precedem qualquer outro passo de educação da fé”.¹⁴⁹

“Expliquemos a eles com paciência a mensagem exigente do Evangelho” (CG23, 93). Ouvido o seu discurso e quanto lhes interessa, conhecida a sua tristeza e o sentido de desânimo, cabe-nos convencê-los de que Jesus vive (cf. Lc 24, 23-24) e que o que acontece faz parte de um grande projeto de Deus. Da vida comunicada passa-se à vida explicada à luz das Escrituras (Lc 24,27): as experiências sofridas ou não resolvidas são preenchidas de sentido e de esperança; as falsas ilusões ou os planos não realistas são redimensionados; “sempre e em todos os casos, ajudamo-los a se abrirem à verdade e a construírem para si uma liberdade responsável” (C 32).

“E com eles nos detemos, para repetir o gesto de partir o pão e despertar neles o ardor da fé que os transforma em testemunhas e anunciadores críveis” (CG23, 93). Não nos bastará falar-lhes de Cristo. Entreteremo-nos com eles e não os deixaremos enquanto não se encontrarem face a face com Ele. “Juntamente com eles celebramos o encontro com Cristo na escuta da Palavra, na oração e nos sacramentos” (C 36). “Vivemos, juntamente com os jovens, a relação pessoal com Cristo que reconcilia e perdoa, que se doa e cria comunhão, que chama e convida, e estimula a tornar-se construtores de uma nova sociedade.”¹⁵⁰

Descoberto Jesus, vivo na sua Palavra que enche a vida de sentido, e no seu Corpo partido para todos, os jovens reencontrarão o caminho de volta à comunidade crente (Lc 24,33), na qual darão testemunho de havê-lo encontrado e se lembrarão sempre que o coração lhes ardia “quando ele lhes falava pelo caminho e explicava as Escrituras” (Lc

¹⁴⁸ CG23, 95.

¹⁴⁹ CG23, 98. O *itálico* é meu.

¹⁵⁰ CG23, 148.

24,32). Assim se tornarão eles próprios evangelizadores dos jovens, apóstolos dos contemporâneos, testemunhas do Ressuscitado.

4. “COMO MARIA, ACOLHAMOS A PALAVRA E A MEDITAMOS EM NOSSO CORAÇÃO” (C 87)

Queridos irmãos, não quero concluir sem dirigir-vos o premente apelo, feito pelo Papa à Europa cristã, para que entre no terceiro milênio com o Evangelho na mão: “No estudo atento da Palavra encontrarão alimento e força para desenvolver cada dia a nossa missão. *Tomemos* em nossas mãos esse Livro! *Aceitemo-lo* do Senhor, que continuamente nolo oferece através da sua Igreja (cf. Ap 10,8). *Devoremo-lo* (cf. Ap 10,9), para que se torne vida da nossa vida. *Saboreemo-lo* até o fundo: ele nos reservará fadigas, mas nos dará alegria, porque é doce como o mel (cf. Ap 10,9-10). *Seremos* repletos de esperança e *capazes de comunicá-la* a todo homem e mulher que encontrarmos em nosso caminho”.¹⁵¹

Eu mesmo, quando vos apresentava o documento do último Capítulo Geral, vos sugeria “aprender a partir sempre da Palavra. O que implica o esforço de fazer realmente nossas as atitudes de Nossa Senhora perante a Palavra: ouvi-la, obedecer-lhe, fazer-nos seus discípulos, tornar-nos fiéis, ou crentes”.¹⁵² Com esse convite, outra coisa não fazia senão lembrar-vos o texto constitucional que nos exorta a ter todos os dias nas mãos a Sagrada Escritura, a exemplo da Virgem: “Como Maria acolhemos a palavra e a meditamos em nosso coração, para fazê-la frutificar e anunciá-la com zelo” (C 87).

Nenhuma escola é melhor do que a de Maria,¹⁵³ para nos deixarmos introduzir na contemplação e no acolhimento, na guarda e no anúncio da Palavra de Deus. “Tendo dado o seu consentimento à Palavra divina, que nela se fez carne, Maria se coloca como *modelo do acolhimento da graça* por parte da criatura humana.”¹⁵⁴ Nenhum fiel como ela, com efeito, conseguiu hospedar a Palavra tão bem, a ponto de fazê-

¹⁵¹ *Ecclesia in Europa*, n. 65.

¹⁵² CG25, Apresentação, 2.2., p. 15-16.

¹⁵³ Cf. *Rosarium Virginis Mariae*, n. 1.

¹⁵⁴ *Vita Consecrata*, n. 28.

la criatura do seu seio: Maria nos ensina que quem crê na Palavra fá-la carne própria, que quem a serve com a vida fá-la vida própria, quem obedece a Deus (Lc 1,38) converte-o em seu filho (Lc 1,43). “Ousaremos talvez chamar-nos mães de Cristo?”, perguntava Santo Agostinho com ênfase. E respondia, com segurança: “Claro, ousamos chamar-nos mães de Cristo. (...) Porque os membros de Cristo dão à luz com o Espírito, como a Virgem Maria deu Cristo à luz com o ventre: assim sereis mães de Cristo”.¹⁵⁵

Não é, pois, vã ilusão pensar que a felicidade de Maria está ao alcance da mão. O Deus de Maria continua hoje a manter projetos de salvação. Continua, por isso, a procurar fiéis atentos à sua Palavra e dispostos a acolhê-la na sua existência a todo custo. A nós reservou uma aventura e graças semelhantes àquelas que concedeu à sua Mãe. Para chegar a ser felizes como Maria (Lc 1,45) e viver com plenitude de graça (Lc 1,28), basta-nos ser crentes como ela: confiar totalmente em Deus e comportarmo-nos como humildes servos. Se formos capazes de nos entregarmos a Deus, como ela se entregou, acabaremos, como ela, proclamando que o Senhor foi maravilhoso também conosco.

Não devemos esquecer que a relação de Maria com Deus e com Cristo não permaneceu indiferenciada e sempre igual: foi logicamente mais íntima e constante nos inícios, antes e depois do nascimento do seu filho (Lc 1-2); permaneceu oculta durante o ministério público de Jesus (Jo 2,1-22; Lc 8,19-21; 11,27-28); teve um novo e intenso contato durante a semana da paixão (Jo 19,25-27). Justamente porque, na relação com Deus, é sempre Ele que toma a iniciativa e fixa tempos e metas, a relação nunca resulta idêntica a si mesma. Maria aprendeu isso logo: no momento de dar à luz o filho, o que dele se dizia era-lhe incompreensível (Lc 2,18-19); quanto mais lhe era anunciado o futuro de seu filho (Lc 2,34-35), tanto menos ele coincidia com o que lhe fora dito na anunciação (Lc 1, 30-33.35). A perda de Jesus menino no Templo é prenúncio de um caminho ainda mais doloroso: ela deverá conviver em casa com o filho que sabe ser Deus, mas que por um tempo lhe é ainda submisso (Lc 2,49-51). Não nos devemos maravilhar se Maria,

¹⁵⁵ Santo Agostinho, *Discurso* 72 A. 8. In: *Opere di sant'Agostino. Discorsi* II/1. Roma, 1983, p. 481.

não sendo capaz de compreender, “conservava todas essas coisas, meditando-as no seu coração” (Lc 2,19.51).

Queridos irmãos, eu vos confio de coração a Maria, que cremos “presente entre nós” (C 8), e peço a ela, “modelo de oração e de caridade pastoral, mestra de sabedoria e guia da nossa Família” (C 92), que nos ensine a acolher a Palavra e a mantê-la no nosso coração, “para fazê-la frutificar e anunciá-la com zelo” (C 87). À sua escola, partindo sempre da Palavra, que é Jesus Cristo, se tornará possível, antes feliz, para nós viver apaixonados por Deus e pelos jovens, justamente como Dom Bosco.

Pascual Chávez V.
Pe. Pascual Chávez V.
Reitor-Mor

4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL

4.1 CRÔNICA DO REITOR-MOR

Março de 2004

O Reitor-Mor iniciou o mês de março com a pregação de um curso de Exercícios Espirituais em San José da Costa Rica, para os inspetores das duas Regiões do Continente Americano. Além dos vinte e três inspetores, também participaram os dois conselheiros regionais, P. Esteban Ortiz e P. Helvécio Baruffi. Devido à situação política muito delicada em seus respectivos países, não puderam participar os inspetores do Haiti e da Venezuela.

Enquanto estava na Costa Rica, o P. Pascual Chávez encontrou-se também com os irmãos salesianos do país, na terça-feira, 2, no Colégio Dom Bosco, e com as FMA da Inspeção de Costa Rica, na quinta-feira, 4, no Instituto de Heredia.

Ao final dos Exercícios Espirituais, o Reitor-Mor e todos os inspetores tiveram uma jornada de descanso, antes do retorno às próprias sedes.

Segunda-feira, 8 de março: o P. Chávez foi a El Salvador, acompanhado pelo inspetor da América Central.

Logo após a chegada, foi levado à casa de retiros de Ayagualo, onde teve uma intensa jornada de trabalho com os diretores e animadores de pastoral juvenil da inspeção, aos quais apresentou o futuro da pastoral juvenil salesiana. Ao final dos encontros, presidiu a Eucaristia.

No dia seguinte, pela manhã, foi ao Instituto Técnico Padre Ricaldone, onde, após encontrar-se com os representantes dos alunos, falou a todos os alunos da escola sobre São Domingos Sávio, justamente na data da sua morte. Mais tarde, encontrou-se com os membros da Família Salesiana de El Salvador, celebrando com eles a Eucaristia. Após o almoço, encontrou-se com os salesianos, e depois partiu para a Guatemala.

Na quarta-feira, 10, pela manhã, na sede do Instituto Teológico Salesiano da Guatemala, encontrou-se com um grupo de representantes da Congregação Hermanas de la Resurrección, fundada pelo P. Jorte Puthenpura, missionário salesiano da Índia, que trabalha na região Kekchí,

da Guatemala. Elas apresentaram o pedido formal de ingresso na Família Salesiana. Mais tarde, o P. Chávez reuniu todos os salesianos que trabalham no País, celebrou a Eucaristia e almoçou com eles.

Da Guatemala, o Reitor-Mor foi ao México, onde visitou seu pai e familiares. Sábado, 13, viajou para Roma.

Retornando à sede, iniciou em seguida a pregação dos Exercícios Espirituais para um primeiro grupo de inspetores, conselheiros inspetoriais e diretores da CISI. Nesses dias, 15 a 20 de março, nos tempos disponíveis, o P. Chávez trabalhou no escritório, recebeu irmãs, reuniu-se com os responsáveis das casas editoras salesianas da Europa Norte, presidiu a Eucaristia na solenidade de São José.

Domingo, 21, à noite, iniciou o segundo curso de Exercícios Espirituais para os diretores da CISI, no Salesianum. Nos dias seguintes, dividiu a pregação com o P. Braido, que fazia a conferência da tarde.

Em 22 de março, o Reitor-Mor, acompanhado por alguns conselheiros, pelo diretor e pelos irmãos da comunidade, acolheu na Casa Geral a urna de São Domingos Sávio, presidindo a Eucaristia, em que concelebraram também os sacerdotes participantes dos Exercícios.

Ao final dos Exercícios, na tarde do sábado, 27, o Reitor-Mor foi a Belluno para visitar D. Vincenzo Sávio, cuja saúde tinha piorado muito. De fato, chegando à comunidade de Belluno, recebeu uma chamada telefônica do vigário geral, que tinha como mais oportuno que a visita ao bispo fosse feita logo depois do jantar, pelo temor de que ele entrasse em coma e viesse a falecer. Acompanhado então pelo diretor da comunidade e pelo pároco, foi cumprimentar a Dom Sávio. P. Chávez ficou sozinho conversando com ele. No final, fez entrar os padres da diocese, familiares, amigos e salesianos para dar a bênção de Maria Auxiliadora.

No domingo, 28, presidiu à celebração na Paróquia Dom Bosco, de Belluno, entretendo-se em seguida com jovens e membros da Família Salesiana. À noite, retornou a Roma.

Segunda-feira, 29, à tarde, iniciou a reunião intermediária do Conselho, que se prolongou até 7 de abril.

Abril de 2004

Na tarde de 2 de abril, o Reitor-Mor encontra-se com os noviços de Pinerolo.

No dia seguinte, celebra o segundo aniversário de sua eleição como Reitor-Mor. Preside a Eucaristia da

comunidade e faz uma visita à Madre Antonia Colombo para a troca de cumprimentos de Páscoa. No início da tarde, recebe o Núncio Apostólico do Paraguai e, à noite, dá a boa-noite à comunidade da Casa Geral, com a qual partilha a sua experiência nesses dois primeiros anos do seu mandato.

No domingo de Ramos, o P. Chávez celebra com toda a comunidade. Nos dias seguintes, enquanto continuam a reunião intermediária do Conselho, até à manhã de quarta-feira, 7, o Reitor-Mor recebe irmãos e membros da Família Salesiana. Entre eles, a inspetora das Irmãs de Miyazaki na Coreia, acompanhada de outras irmãs, e a superiora geral das Salesianas Oblatas de Dom Cognata, que vieram apresentar os cumprimentos de Páscoa.

Na Quinta-feira Santa, o Reitor-Mor conclui os Exercícios Espirituais de uma das comunidades da UPS com a homilia das lembranças e, à tarde, preside a celebração da Ceia do Senhor.

No dia seguinte, participa com toda a comunidade das diversas celebrações da Sexta-feira Santa. No sábado, vai a Sulmona para encontrar-se com a comunidade e, retornando à sede, preside à Vigília Pascal.

Domingo de Páscoa, 11 de abril, celebra a Eucaristia, em Castelgandolfo, com a comunidade das noviças das FMA. No dia seguinte,

parte pela manhã para Yaoundé, Camarões, onde prega os Exercícios Espirituais aos inspetores e diretores da África de língua francesa e portuguesa. Durante os Exercícios, realizados na casa de acolhida de Mbalmayo, de 12 a 17 de abril, o Reitor-Mor preside a Eucaristia, conversa com os inspetores e os diretores que pedem um diálogo pessoal, e dá a boa-noite, entreteendo-se em responder às perguntas que lhe chegaram ao longo da jornada. Tem também um encontro com os formadores.

Concluídos os Exercícios, no domingo, 18, faz uma conferência aos estudantes de teologia das Visitadorias AFO e ATE. Depois preside a Eucaristia na Paróquia Dom Bosco de Mimboman, durante a qual emitem a profissão perpétua quatro irmãos pertencentes às visitadorias. Ao final, dá uma entrevista coletiva e almoça com o Núncio Apostólico D. Eliseo Antonio Arotti. À tarde, o Reitor-Mor tem uma reunião com a Família Salesiana em Cité Marie Dominique, a casa das FMA. A jornada termina na casa inspetorial, com o jantar com toda a Família Salesiana e com a boa-noite. Em suas intervenções, P. Chávez insistiu muitas vezes na nossa missão de colaborar na construção da paz nos diversos países da África, através das nossas

presenças educativas, evangelizadoras e de promoção humana.

No dia seguinte, 19, visita a casa das Filhas dos Sagrados Corações, indo depois a Ebolowa. Na paróquia dessa cidade preside a Eucaristia, na qual os primeiros dez cooperadores e cooperadoras fazem a sua promessa. Após a missa, visita o Centro Profissional Dom Bosco. No fim do almoço, P. Chávez agradece a acolhida e as atenções para com ele, felicita os salesianos por tudo quanto estão fazendo nessa região da África, e os encoraja no enfrentamento dos atuais desafios e renovar o nosso empenho de futuro.

Na terça-feira, 20, ao meio-dia, retorna à sede, onde continua o seu trabalho de escritório. Na quinta-feira, 22, concede uma entrevista à Rádio Vaticano, por ocasião da beatificação do P. Augusto Czaratoryski, da Ir. Eusébia Palomino e de Alexandrina da Costa. À tarde, recebe um grupo de SDB e FMA que estavam fazendo o Curso de Formação para Formadores, na UPS.

Na sexta-feira, 23, à tarde, P. Chávez vai a Alassio, onde faz uma conferência sobre “Globalização e Sistema Preventivo”, a convite do governo municipal. Celebra a missa, do dia seguinte, para as comunidades dos salesianos e das Filhas de Maria

Auxiliadora, com os quais mantém uma conversação. Vai visitar em seguida Pré Martin, onde morreu o P. Augusto Czaratoryski, e encontra-se com os jovens do Liceu. Após o almoço, faz uma breve visita aos irmãos doentes na comunidade de Varazze. Retornando a Roma, depois de uma breve estada na Casa Geral, vai ao Sacro Cuore, onde preside a Vigília de preparação para as beatificações.

No domingo, 25 de abril, pela manhã, participa na Praça de São Pedro da celebração das beatificações e, à tarde, no Auditório do Palácio Pio, toma parte na sessão acadêmica em homenagem aos nossos novos beatos.

Segunda-feira, 26, pela manhã, retorna ao Sacro Cuore, onde preside a Santa Missa de ação de graças pelo dom da santidade salesiana.

No dia seguinte, ao longo da manhã, durante a Assembléia Mundial dos Ex-alunos, recebe a terna de candidatos a presidente da Confederação Mundial dos Ex-Alunos de Dom Bosco. Em seguida, faz uma intervenção na Assembléia, na qual proclama Francesco Muceo como novo presidente para o próximo sexênio. À noite, dá a boa-noite.

Na quarta-feira, 28, recebe a diretora em fim de mandato e a nova diretora da Faculdade das Ciências da Educação Auxilium, e, no final da

manhã, o superior da Visitadoria UPS, o reitor magnífico e o vice-reitor. Quinta-feira, 29, preside a missa de encerramento da 3ª Assembléia Mundial dos Ex-Alunos e recebe a terna dos candidatos a decano da Faculdade de Ciências da Comunicação Social da UPS.

Maio de 2004

O Reitor-Mor visitou, de 1º a 5 de maio, a Inspetoria de Leon, Espanha, por ocasião do 50º aniversário da ereção da Inspetoria, e visitou, de 6 a 10, a Inspetoria de Sevilha, por ocasião do 75º aniversário da fundação de Morón e do centenário da casa de Cádiz. Em ambas as inspetorias, P. Chávez encontrou-se com o Conselho Inspetorial, os diretores, os irmãos da comunidade inspetorial, os irmãos em formação, a Família Salesiana, o Movimento Juvenil Salesiano, os animadores, os meninos e jovens das comunidades visitadas, os professores, dando numerosas entrevistas aos meios de comunicação social. Em Santiago de Compostela, celebrou o jubileu na catedral, onde celebrou a Eucaristia. Em Sevilha foi-lhe conferida uma condecoração no Colégio Mayor, participou da Assembléia Inspetorial da ADMA e fez uma conferência no Centro de Estudos Teológicos.

Retornando à sede na noite de segunda-feira, 10 de maio, ali ficou até quinta-feira, 13. Foi então a Nizza Monferrato para a celebração do 125º aniversário da casa das FMA. Terça-feira 11, à tarde, recebeu o ministro da Saúde da Libéria e, no dia seguinte, ainda à tarde, teve uma reunião com a equipe da Faculdade de Letras Cristãs e Clássicas da UPS.

No fim de semana, 15 e 16, foi a Lecce, para o encontro dos jovens do Movimento Juvenil Salesiano da Itália Meridional e a celebração da festa inspetorial e da festa dos pré-adolescentes na Basílica dedicada a São Domingos Sávio, no 50º aniversário de sua canonização.

Segunda-feira, 17, P. Chávez presidiu a Eucaristia dos funerais do P. Lambert Petit, na igreja da Casa Geral. No mesmo dia, respondeu a numerosas mensagens de cumprimentos pelo seu onomástico.

De 19 a 22 de maio, visitou a Inspetoria da Alemanha Norte, passando por diversas casas, encontrando-se com os irmãos e os jovens, com o Conselho Inspetorial, com os coadjutores das duas inspetorias da Alemanha e com a Família Salesiana.

Tendo retornado à sede, na noite de sábado, 22, ficou o domingo em casa, e presidiu a procissão da noite

na Casa Geral. Em seguida, foi a Turim, para celebrar a solenidade de Maria Auxiliadora, no dia 24.

Voltando para Roma na terça-feira, 25, participou, de 26 a 28, da Assembléia da União dos Superiores Gerais. Encerrou o mês com uma visita à Inspetoria de Valencia. As atividades foram intensas: visita aos irmãos doentes, encontro com os salesianos, abertura dos V Jogos Intersalesianos, visita às Filhas de Maria Auxiliadora que estão celebrando o próprio centenário, encontro com as ADMAs, reunião com o Conselho Inspetorial, vigília de oração com os animadores juvenis da inspetoria. O principal evento, contudo, foi a reunião com os coadjutores das inspetorias da Espanha. Na Eucaristia de Pentecostes, que encerrou a reunião, dois irmãos fizeram a profissão perpétua.

Em 31 de maio, segunda-feira, o Reitor-Mor visitou a Procuradoria das Missões e a Casa Dom Bosco, dentro projeto de animação da Conferência Ibérica. À tarde, retornou a Roma para o início da reunião plenária de verão do Conselho Geral.

4.2 CRÔNICA DOS CONSELHEIROS GERAIS

O vigário do Reitor-Mor

P. Adriano Bregolin participou, de

22 a 25 de janeiro, das *Jornadas de Espiritualidade da Família Salesiana*.

Em 31 de janeiro, Festa de São João Bosco, celebrou a Eucaristia na Casa Geral das Filhas de Maria Auxiliadora. Partindo depois para Turim, presidiu, na ausência do Reitor-Mor, a solene Concelebração na Basílica de Maria Auxiliadora, com a presença de vários grupos da Família Salesiana.

Em 4 de fevereiro, apresentou a Estréia do Reitor-Mor aos grupos locais da Família Salesiana, no Instituto Dom Bosco de Roma.

Em 8 de fevereiro, foi a Nizza Monferrato, por ocasião do 125º aniversário da chegada de Madre Mazzarello àquela casa: ali presidiu a Eucaristia e encontrou-se, à tarde, com as FMA do Piemonte.

Em 10 de fevereiro, foi a Taranto para a apresentação da Estréia do Reitor-Mor à Família Salesiana da cidade.

Domingo, 15 de fevereiro, foi a Pádua para uma jornada formativa com os Conselhos inspetoriais dos vários grupos da Família Salesiana.

No dia 24 do mesmo mês, foi ao *Brasil*. Chegando em São Paulo no dia 25, visitou o estudantado da Lapa e outras obras salesianas da cidade. No dia seguinte, partiu para Campo Grande e, no dia 27, encontrou-se

com o inspetor e o Conselho inspetorial. Visitou à tarde, a Universidade UCDB e, à noite, a Obra de São Vicente, sede do aspirantado e pré-noviciado, e também residência dos irmãos que trabalham na UCDB. Sábado, 28, acompanhado pelo vigário inspetorial, visitou os centros missionários de Sangradouro e Meruri, onde os nossos salesianos trabalham entre os indígenas Xavante e Bororo. Domingo 29, após a Eucaristia com a comunidade Bororo, foi a Poxoréu e Rondonópolis, chegando depois em Cuiabá. Ali se encontrou com os irmãos da Obra São Gonçalo e com os de Coxipó da Ponte. Retornando a Campo Grande na segunda-feira, 1º de março, visitou o Pós-noviciado Paulo VI. Terça-feira, 2, visitou o Noviciado de Dourados, onde passou toda jornada com os noviços. Dia 3, acompanhado pelo vigário do inspetor e pelo ecônomo inspetorial, visitou as comunidades de Três Lagoas, Araçatuba e Lins. No dia 4 de março, retornou a Roma.

7 de março, em Triuggi, província de Milão, iniciou a pregação de um Curso de Exercícios Espirituais às Filhas de Maria Auxiliadora da Inspetoria Lombarda.

Retornando à sede no dia 14, participou, de 29 de março a 7 de abril, da *reunião intermediária* do Conselho Geral.

Encontrou-se, no dia 17, com os irmãos e leigos da Assembléia Nacional do CNOS-FAP.

Presidiu, da tarde de 24 até o dia 28 de abril a *Assembléia Mundial dos Ex-Alunos*, participando, no domingo dia 25 das celebrações para a Beatificação do P. Augusto Czarторыski, Ir. Eusébia Palomino e Alexandrina da Costa.

Em 8 de maio, participou, na Universidade Pontifícia Salesiana, do Seminário de estudo sobre São Domingos Sávio e, à tarde, da inauguração do novo Oratório da nossa obra salesiana de Arezzo.

No dia 24, festa de Maria Auxiliadora, foi ao noviciado das Filhas de Maria Auxiliadora.

No dia seguinte, foi a San Benigno Canavese para as celebrações do 125º aniversário da Obra, fazendo uma conferência para a comunidade educativa.

Participou, de 26 a 28 de maio, dos trabalhos da Assembléia da União dos Superiores Gerais (USG). À noite do dia 28, deu início à Consulta Mundial da Família Salesiana, acompanhando seus trabalhos até o dia 30.

O conselheiro para a Formação

O conselheiro geral para a Formação encontrou-se em Roma, nos dias 9 a 12 de janeiro, com os inspe-

tores e delegados inspetoriais de Formação da *Região Itália e Oriente Médio*. Foram aprofundados alguns temas: as comunidades formadoras na Região, os desafios da formação, as estatísticas dos abandonos. Deu-se início à auto-avaliação das comunidades formadoras. Falou-se do quarto ano de estudos teológicos. Foi apresentada a proposta para a formação específica dos salesianos coadjutores.

De 25 de janeiro a 10 de fevereiro, P. Cereda esteve na Ásia. Foi primeiramente ao *Sri Lanka*, onde se encontrou com os pré-noviços de Dungalpitya e os pós-noviços de Kotadeniyawa. Visitou o noviciado de Arabegama e, em Dankutowa, encontrou-se com aspirantes e tirocinantes. Foi também às comunidades de Kandy, Negombo e Uswetakeiyawa. Concluiu a visita, encontrando-se com a Comissão para a Formação.

Em seguida, o P. Cereda foi ao *Vietnam*, onde esteve com os jovens formandos: pré-noviços em Cau Bonga, noviços em Ba Thon, pós-noviços em Dalat, estudantes de teologia em Ho-Chi-Minh City e vários grupos de aspirantes. Particularmente significativa foi a visita a Dalat, no dia 31 de janeiro, para celebrar o 30º aniversário de fundação. Também se

encontrou com a Comissão Inspetorial de Formação.

Depois foi para *Myanmar*. Em Anisakan visitou a comunidade formadora: aspirantado, pré-noviçado, noviciado e pós-noviçado. Em Yangon encontrou-se com a Comissão de Formação. Na *Tailândia* visitou Sampran, onde está o noviciado e o pós-noviçado. Depois foi para Banpong, onde se encontrou com os aspirantes, pré-noviços e com a Comissão Inspetorial de Formação. Visitou, também, as comunidades de Bangkok. No final da viagem, P. Cereda foi a *Manila* para o Curatorium com os inspetores do Vietnam, Tailândia, Indonésia – Timor Leste, Filipinas, e com o delegado do Sri Lanka.

De 1º a 15 de março, o conselheiro para a Formação foi à *Etiópia e Eritreia*. Encontrou-se com os jovens e os formadores das comunidades formadoras. Visitou particularmente os aspirantados de Dekamhare, Adua, Makallè, Addis Abeba e Zway. Foi ainda ao pré-noviçado de Addis Abeba, ao noviciado de Debre Zeite e ao pós-noviçado de Adigrat. Visitou em seguida a presença missionária de Dilla, a Prefeitura Apostólica de Gambella e as novas igrejas de Addis Abeba, Dilla, Adamitullo ed Adua. No dia da memória do Bem-aventu-

rado Artêmides Zatti, viveu uma jornada de partilha e reflexão com os irmãos coadjutores da visitadoria. No fim, encontrou-se com o Conselho Inspetorial.

De 12 a 17 de fevereiro, participou do Encontro Mundial dos Catequetas Salesianos. Apresentou uma relação sobre “A missão catequética dos salesianos vista a partir do Dicastério da Formação”. De 29 de março a 7 de abril, participou da reunião intermediária do Conselho Geral.

Nos dias 12 de abril a 2 de maio, o conselheiro para a Formação visitou as comunidades formadoras das seis inspetorias salesianas do *Brasil*: Campo Grande, Porto Alegre, Manaus, Recife, Belo Horizonte e São Paulo. Onde possível, encontrou-se também com tirocinantes e aspirantes. Visitou a Universidade Católica Dom Bosco de Campo Grande (UCDB), falou aos diretores de Manaus e encontrou-se com os salesianos coadjutores reunidos em Cachoeira do Campo. Aprofundou, nos diversos encontros com as Comissões Inspetoriais de Formação, a realidade do aspirantado e do pré-noviciado. À conclusão da visita, encontrou-se com os estudantes de teologia, formadores e professores do Instituto Teológico Pio XI, em São Paulo. Ali, P. Cereda este-

ve-se por três dias, discutindo com os inspetores e delegados de Formação os seguintes temas: colaboração interinspetorial, auto-avaliação das comunidades formadoras, promoção da vocação do salesiano leigo e da sua formação específica, estudo da salesianidade e formação dos formadores.

De 11 a 14 de maio, o conselheiro para a Formação visitou as quatro inspetorias da *Polônia*. Em Varsóvia, encontrou-se inicialmente com os inspetores e delegados de Formação da Polônia e Circunscrição Leste. Deteve-se na consideração da nova situação vocacional e deu início ao processo de auto-avaliação das comunidades formadoras. Viveu momentos intensos de partilha com os jovens em formação inicial: os noviços de Czerwinsk, Kopiec, Swobnica; os pós-noviços e estudantes de teologia de Lad, Łódz e Cracóvia; os aspirantes de Aleksandrów e os tirocinantes de Oswiecim. Encontrou-se com formadores, professores e Comissões Inspetoriais de Formação. Em todas as inspetorias, P. Cereda visitou algumas escolas e centros juvenis. Esteve nos santuários marianos de Czerwinsk, Czestochowa, Kawnice. A visita terminou em Cracóvia, no dia 24 de maio, com as ordenações presbiteriais conferidas pelo cardeal

Oscar Rodríguez Maradiaga.

De 27 a 31 de maio, o conselheiro para a Formação visitou as comunidades formadoras da *Circunscrição Leste*. Esteve particularmente em São Petersburgo, onde estão pós-noviços e estudantes de teologia. Ali se encontrou também com a Comissão Inspetorial de Formação. Visitou depois algumas comunidades na Ucrânia ocidental. Em Leópolis, encontrou-se com os irmãos das três comunidades que trabalham nas paróquias, oratórios e escola. Depois, foi ao pré-noviciado para os greco-católicos, em Obroshyno, e ao para os latinos, em Peremyshlany. Visitou, enfim, Bibrka. Retornando a Moscou, celebrou na paróquia salesiana da Imaculada, visitou a casa inspetorial e os irmãos que trabalham com os meninos de rua, e num oratório em Moscou-Fili.

O conselheiro para a Pastoral Juvenil

Terminada a sessão plenária de inverno do Conselho Geral, no fim de semana, 24 a 26 de janeiro, P. Antonio Domenech participa do início das celebrações dos 50 anos da canonização de Domingos Sávio, na basílica a ele dedicada, em Lecce. Encontra-se com os animadores do Centro Juvenil e com a Família Salesiana, para desenvolver

com eles o tema do caminho salesiano à santidade.

De 5 a 7 de fevereiro, reúne-se com a Delegação Nacional de Pastoral Juvenil da Espanha e Portugal, aprofundando o desafio da Evangelização no atual momento da sociedade. Na Pisana, de 12 a 17 de fevereiro, participa do Encontro Mundial de Catequetas Salesianos, organizado pelo Instituto de Catequética da UPS para celebrar os 50 anos de sua fundação.

Em 22 de fevereiro, o conselheiro vai à Índia, chegando à Inspetoria de Guwahati, para fazer uma visita de animação às comunidades daquela inspetoria. Em seguida, a partir de 4 de março, faz uma visita às comunidades da Inspetoria de Dimapur. Nas duas inspetorias, visita um bom número de comunidades, para conhecer a situação da Pastoral Juvenil e, ao final, encontra-se com os respectivos Conselhos Inspetoriais para compartilhar com eles as impressões. Como conclusão dessa visita de animação, reúne-se em Bangolore, nos dias 16 e 17 de março, com a Conferência Inspetorial da Região Ásia Sul, apresentando-lhe o modelo da Pastoral Juvenil salesiana.

Novamente em Roma, o conselheiro encontra-se com a Comissão Européia da Marginalização, para

avaliar o caminho que se vem fazendo nas inspetorias, seguindo as linhas operativas propostas no encontro de Barcelona, em fevereiro de 2003, sobre a atenção a dar à realidade da imigração.

De 1º a 14 de abril, o Dicastério participa do Encontro da Comissão Européia das Escolas, junto com a Consulta Européia (FMA). Nela, aprofunda-se o tema da Formação profissional salesiana na Europa e prepara-se o encontro europeu para os dirigentes das escolas salesianas a ser realizado no próximo ano.

Após as reuniões intermediárias do Conselho Geral, nos dias 14 e 15 de abril, o conselheiro vai ao encontro de “Don Bosco Network”, em Bruxelas, para apresentar a linha da Congregação sobre a Formação Profissional.

Logo depois, parte para Buenos Aires, onde se reúne com os inspetores do Cone Sul e os delegados inspetoriais de Pastoral Juvenil (SEPSUR). Aprofunda com eles a situação da Pastoral Juvenil nas inspetorias. Em seguida, vai a São Paulo para encontrar-se, nos dias 21 e 22 de abril, com representantes das inspetorias do Brasil e estudar com eles a animação da paróquia confiada aos salesianos.

Em 1º de maio, participa, em Rimini, dos XV Jogos Europeus da PJS, e, no dia 12, parte para Johan-

burgo, onde se encontra com os representantes das inspetorias da África e Madagascar, para estudar a situação da Formação Profissional e buscar juntos caminhos que garantam a sua qualidade educativa e salesiana, e os recursos necessários.

De 28 a 30 de maio, o Dicastério convoca, no Colle Don Bosco, o Primeiro Encontro dos Responsáveis das Casas Salesianas de Espiritualidade da Europa, e com eles estuda as características de uma proposta de espiritualidade salesiana a oferecer nessas casas.

O conselheiro para a Comunicação Social

De 26 de janeiro a 2 de fevereiro, o conselheiro para a Comunicação Social (CS) fez uma visita de animação à Inspetoria Filipinas Norte. Encontrou-se com o inspetor, delegados e dirigentes das empresas (*Salesian Media Board*), com SDB e leigos das comissões e periódicos para a CS. Visitou os centros de comunicação dos jesuítas e das paulinas, as comunidades de formação, outras comunidades de Tondo, Batulao, Laguna. Participou do encerramento do jubileu de ouro da Escola de Mandaluyong e da abertura do jubileu de ouro do Dom Bosco de Makati.

De 3 a 5 de fevereiro, participou, com os demais membros do Dicastério, do encontro dos inspetores e delegados de CS da Região Ásia Leste – Oceania, em Tóquio, Japão. De acordo com a programação do sexênio, o encontro ocupou-se da CS na região e do Sistema Salesiano de Comunicação Social. Ainda em Tóquio, encontrou-se nessa ocasião com algumas comunidades SDB, FMA e Irmãs da Caridade de Miyasaki.

O conselheiro participou em Lyon, França, nos dias 9 e 10 de março, do Encontro da Região Europa Oeste, para tratar da CS na região e do Sistema Salesiano de Comunicação Social. Em Bruxelas, Inspetoria Bélgica Norte, participou de um encontro regional sobre o tema “Educação e Comunicação Social”, nos dias 19 a 22 de março. No dia 27 de março, estava em Paris para a comemoração dos 125 anos do Boletim Salesiano francês.

De 21 de abril a 25 de maio, fez a *Visita Extraordinária* à Visitadoria da Sardenha (ISA).

De janeiro até o final de maio, o Dicastério produziu 412 notícias, 64 fotos de capa, 3 ANSmag, dos quais um especial sobre as beatificações para março/abril, 15 ANS DigitalPhoto, 4 ANSService, 4 vídeo-informações em colaboração com EuroFilm Missões

Dom Bosco, produção mensal do Boletim Salesiano, ANSAgenda e ANSFoto, e inaugurou o serviço ANSInfoLetter, enviado aos usuários duas vezes por semana. Foram inseridos novos documentos no site, como as cartas dos Reitores-Mores (Vecchi, Viganò) em algumas línguas, as Constituições e os Regulamentos em todas as línguas, subsídios sobre as beatificações, um fórum aberto a todos os visitantes. Fez-se, também, a reestruturação do Portal, com a adaptação às cores do logo. Além disso, o Dicastério iniciou os preparativos para a Consulta Mundial da CS, que se terá na Pisana de 25 a 28 de julho, preparou a primeira redação de um manual/guia de estilo da Direção Geral, um léxico italiano-inglês de palavras-chaves salesianas, e criou um sistema de arquivamento digital de documentos para o Dicastério, oferecido também a outros. Ofereceu suporte à Assembléia Mundial dos Ex-Alunos e às transmissões da Festa de Domingos Sávio no Colle Don Bosco e de Maria Auxiliadora em Valdocco.

O conselheiro para as Missões

De 26 de janeiro a 25 de março, o conselheiro para as Missões dedicou-se à segunda fase da *Visita Extraordinária* à Inspetoria de Bombaim

(INB). Iniciou com a visita à única casa que temos no Kuwait, Salmiya, que depende da INB. Depois continuou com as outras casas da Inspetoria em Maharashtra. De 15 a 20 de fevereiro, quando a inspetoria celebrava o Capítulo Inspetorial, o conselheiro visitou o Nepal, para animar os irmãos e examinar com eles o desenvolvimento missionário da região, segundo o projeto da Inspetoria de Kolkata, à qual pertence. O inspetor e o ecônomo da Inspetoria INC estavam presentes nessa visita, para avaliar o desenvolvimento presença salesiana no Nepal.

Terminada a Visita Extraordinária de INB, o conselheiro participou em Roma da reunião intermediária do Conselho.

No dia 7 de abril, partiu para Bucarest, com a finalidade de visitar a Romênia e Moldávia, junto com os inspetores de INE e PLE, e estudar a possibilidade de uma presença salesiana na Moldávia.

De 14 a 16 de abril, foi a Bruxelas para a reunião dos Procuradores Salesianos das Missões e dos responsáveis das ONG salesianas. Tratou-se nessa reunião do tema da autonomia econômica das escolas profissionais em terra de missão.

De 18 de abril a 11 de maio, esteve ocupado numa longa viagem

através da Coreia, Mongólia, China, Macau, Taiwan e Hong-kong. Na Coreia, de 19 a 21 de abril, o conselheiro pode animar diversos grupos de irmãos, falando das missões e convidando-os a aumentar a sua louvável participação.

De 21 a 26 de abril, foi à Mongólia com o inspetor do Vietnam, de quem a Mongólia depende, e constatou com satisfação o desenvolvimento da presença salesiana naquela nação. Foi firmado um Convênio entre o Vicariato Apostólico e a inspetoria sobre as nossas presenças na capital Ulaanbaatar e a nova missão que se quer abrir na região de Darkhan.

Da Mongólia, o conselheiro passou à China, indo por primeiro às casas de Yanji, onde ficou três dias, para examinar com os irmãos o desenvolvimento e o futuro da obra. De Yanji, foi a Xangai, onde com o P. Carlo Socol e John Wong encontrou-se com várias personalidades, com o objetivo de se estudar a possibilidade de envolver a "Don Bosco Foundation" em algum trabalho com os jovens de Xangai. Em 3 de maio, o conselheiro chegou em Shitan, onde a "Don Bosco Foundation" abriu uma escola profissional e, no dia seguinte, assistiu à reunião em que se discutiu o desenvolvimento da obra.

No dia 5 de maio, acompanhado pelo inspetor, P. Sávio Hon, visitou o leprosário de Ngai Sai, administrado pelo P. Roberto Tonetto. Depois, via Macau, chegou a Taiwan e visitou a Escola Profissional de Tainan, onde se encontram alguns jovens irmãos de diversas nações que estudam a língua chinesa. Retornando, deteve-se em Macau, visitando ali as obras e falando aos salesianos sobre as missões.

Em 8 de maio, foi a Hong-kong: falou novamente aos irmãos sobre as missões salesianas e a possibilidade de trabalho “missionário no contexto atual” chinês. De 9 a 11 de maio, em Hong-kong, encontrou-se com o bispo Dom Joseph Zen e reuniu o Conselho Inspetorial e os irmãos que trabalham em nosso projeto na China. Em 12 de maio, retornou a Roma.

De 17 a 31 de maio, esteve empenhado numa visita à Inspeção da África Leste (AFE). O primeiro intento era visitar as obras do Sudão, mas pelas dificuldades surgidas com o visto, não pode entrar no Norte do Sudão. Mudando o programa, visitou as presenças salesianas no Quênia, a casa de formação de Moshi, na Tanzânia, e as duas presenças salesianas em Uganda. Enfim, chegou a Tonj, Sul do Sudão, no dia 27 de maio, justamente no dia seguinte à assinatura do acordo de paz entre o Norte e o Sul do Sudão.

De Tonj, no dia 29 de maio, passou a Kakuma, onde milhares de refugiados de diversos países estão alojados num acampamento. Nesse lugar, os salesianos têm três escolas profissionais e uma paróquia para os refugiados.

À conclusão dessa visita de animação, no dia 31 de maio, em Dar Es Salaam, P. Francis Alencherry presidiu a função da bênção da nova Procuradoria Missionária, construída com a ajuda do Reitor-Mor. Fez uma intervenção, na mesma noite, ao Capítulo Inspetorial que iniciava os seus trabalhos. Em seguida, retornou a Roma.

O ecônomo geral

Terminada a sessão plenária de inverno do Conselho Geral, P. Mazzali animou, de 24 a 25 de janeiro, o retiro de um grupo de pré-adolescentes, no Centro N. Sra. de Lourdes, de Forno di Coazze. Em seguida, de 27 a 29, foi a Jerusalém para alguns encontros em vista da entrega do Instituto Ratisbonne à Congregação Salesiana. Celebrou a festa de Dom Bosco, nos dias 30 e 31, com os jovens da escola e membros da Família Salesiana do Instituto Salesiano de Genova-Sanpierdarena. No dia 1º de fevereiro, participou da tradicional entrega de prêmios aos vencedores do concurso de poesia

italiana e dialetal, ligado à obra salesiana de Vasto.

De 9 a 13 de fevereiro, participou do Curso de Formação para os ecônomos inspetoriais nomeados em 2003, realizado na sede da Casa Geral. No dia 19, P. Mazzali, na Pisana, presidiu o Conselho Superior de Administração da UPS e, em seguida, fez uma visita de contato à obra de Ajaccio, na Córsega, nos dias 20 a 22.

De 29 de fevereiro a 13 de março, P. Mazzali visitou Madagascar, pregando um curso de Exercícios Espirituais, animando um encontro de diretores e ecônomos, e visitando algumas obras da visitadoria.

O ecônomo geral esteve novamente na Terra Santa, de 26 a 28 de março, para os últimos e definitivos colóquios em vista da entrega do Ratisbonne e a transferência do estudantado teológico de Cremisan para lá.

Ao final da reunião intermediária Conselho Geral, P. Mazzali passou o Tríduo Santo e a Páscoa na paróquia dos Santos Mártires de Sangano. De 18 a 25 de abril, aconteceu a visita em Angola: curso de contabilidade para os ecônomos da visitadoria e para outros religiosos, e visita a algumas comunidades do interior e da capital.

No dia 3 de maio, participou da assembléia dos acionistas da SEI,

para a aprovação do balanço 2003.

A última viagem, de 8 a 22 de maio, foi ao Uruguai, onde P. Mazzali pregou os Exercícios Espirituais a um grupo de irmãos em Las Piedras, animou um encontro de diretores e ecônomos e pode visitar algumas obras da inspetoria.

Depois de participar da festa da Auxiliadora na paróquia salesiana de Vallecrosia, no dia 23, o ecônomo geral presidiu a Eucaristia da meia-noite na Basílica de Maria Auxiliadora de Turim.

No dia 6 de junho, o ecônomo geral representou o Reitor-Mor e o seu Conselho na solene celebração, civil e religiosa, do centenário da morte do P. Antonio Belloni, o apóstolo da Palestina, na cidade de Imperia, onde nasceu o ilustre missionário.

O conselheiro para a Região África-Madagascar

O conselheiro regional para a África-Madagascar, P. Valentín de Pablo, depois de assistir nos dias 1º e 2 de fevereiro em Gent, Bélgica, à consagração episcopal de D. Luc Van Looy, teve as seguintes atividades durante o período fevereiro-março de 2004.

– *Visita do Reitor-Mor a Ruanda.*
O conselheiro acompanhou o Reitor-Mor em sua visita a Ruanda, de 7 a 10 de fevereiro, por ocasião da cele-

bração do cinquentenário da presença salesiana naquele país. A visita do Reitor-Mor foi motivo de conforto e de animação dos irmãos, após terem vivido situações de muito sofrimento e dificuldade. O Reitor-Mor pode observar a retomada da atividade salesiana com uma diversidade de presenças em favor dos jovens e o aumento das vocações.

– *Participação nos Curatorium das casas interinspetoriais de formação.* O conselheiro participou das diversas reuniões dos *Curatorium* das casas de formação interinspetoriais: de 5 a 8 de fevereiro, na comunidade de teologia de Utume (Nairobi); de 18 a 20, na comunidade de teologia de Lubumbashi (RDC); e de 24 a 26 de maio na comunidade do pós-noviçado de Lomé (Togo). O encontro com os inspetores responsáveis e com os irmãos em formação foi um momento oportuno de avaliação da formação e de proposta de orientações.

– *Consulta para o novo superior de AET (Etiópia-Eritreia).* Durante o mês de fevereiro, o conselheiro regional foi à Eritreia e Etiópia para animar a consulta em vista da nomeação do novo superior de AET. Visitou, de 15 a 19, a comunidade de Dekamare (Eritreia), isolada do resto da Visitadoria por causa da guerra entre os dois países. De 23 a 29, na

Etiópia, encontrou-se com os irmãos reunidos em diversas comunidades para apresentar e motivar a consulta para o novo superior.

– *Visita extraordinária à Visitadoria África Tropical Equatorial (ATE).* Em nome do Reitor-Mor, o conselheiro fez a visita extraordinária à Visitadoria ATE, espalhada por seis países, com sede em Yaoundé (Camarões). Seguindo o calendário pré-estabelecido, pode encontrar-se com cada um dos irmãos e visitar todas as comunidades. O início oficial da visita aconteceu no dia 1º de março e a visita foi concluída em 23 de maio. A visitadoria foi constituída em 31 de janeiro de 1998 e é formada por 110 irmãos, dos quais 72 são africanos, a maior parte em formação. Os novíços são 14 neste ano. Os irmãos formam 15 comunidades, assim distribuídas: 3 em Camarões, 1 na África Central, 3 no Congo, 3 no Gabão, 3 na Guiné Equatorial e 2 no Chad. A situação social e política de vários desses países durante os últimos anos não foi fácil para o conjunto da população e para os salesianos, que sofreram as consequências da instabilidade social e das guerras civis. Foi feito um grande esforço por parte dos irmãos para reunir e consolidar as presenças salesianas nos seis países. É evidente, no conjunto da

visitadoria, a realidade positiva do caminho feito nos últimos anos. No início da visita, o regional presidiu a tomada de posse do novo superior da visitadoria, P. Jose Antonio Veja. Teve, também, a ocasião, de celebrar o cinquentenário da canonização de S. Domingos Sávio na Paróquia de Pointe Noire, no Congo, com uma jornada de encontro dos grupos ADS da cidade e um festival juvenil de criação musical sobre a figura do santo, que envolveu centenas de jovens.

– *Visita do Reitor-Mor à Região.*

O conselheiro acompanhou o Reitor-Mor em sua estada em Camarões, de 12 a 19. O Reitor-Mor fora ali para pregar os Exercícios Espirituais aos diretores e conselheiros inspetoriais da zona de línguas francesa e portuguesa da Região. A presença do Reitor-Mor foi um momento alto de animação e formação permanente dos diretores, que terá uma repercussão benéfica nas respectivas comunidades locais. Ao final dos Exercícios Espirituais, o Reitor-Mor pode encontrar-se com os irmãos das comunidades salesianas de Camarões: os estudantes de teologia, na casa provincial, e os jovens e adultos das paróquias e centros profissionais de Mimboman e Ebolowa.

– *Encontro Regional sobre a Formação Profissional.* Nos dias 12

a 15 de maio, o conselheiro regional participou em Johannesburg, na África do Sul, do Primeiro Encontro Continental de Responsáveis Inspetoriais para a Formação Profissional. O conselheiro geral para a Pastoral Juvenil, P. Antonio Domenech, orientou o encontro. A formação profissional é uma realidade que teve grande desenvolvimento em toda a Região, mas precisa de uma reflexão em comum para dar qualidade àquilo que se faz e garantir o futuro.

– No final de maio, o Regional foi a *Angola*, para uma breve visita de contato com os irmãos responsáveis, num momento de consolidação das presenças salesianas, depois de anos de guerra civil. No dia 31 de maio, o Regional retornou a Roma para o início da sessão de verão do Conselho Geral.

O conselheiro para a Região América Latina-Cone Sul

Terminada a sessão de inverno do Conselho Geral, o conselheiro foi à Inspeção de Manaus, Brasil, no dia 31 de janeiro de 2004, para participar da posse do P. Damásio Medeiros como novo inspetor, e encontrar-se com os irmãos. Em seguida, nos primeiros dias de fevereiro, visitou os familiares. Depois, de 18 a 27 de fevereiro, foi à Inspeção de Porto de

Porto Alegre para uma visita de animação e para controles de saúde.

De 28 de fevereiro a 8 de março, participou dos Exercícios Espirituais pregados pelo Reitor-Mor aos inspetores da América, em Costa Rica, Inspeção da América Central. Em seguida, no dia 10 de março, deu início à *Visita Extraordinária à Inspeção de Belo Horizonte*, Brasil, que se prolongou até 22 de maio, com algumas interrupções. Além do contato com cada irmão e do encontro com as comunidades, o visitador teve a oportunidade de encontrar-se com os diversos grupos da Família Salesiana nas várias obras. Foi-lhe possível, também, de 5 a 7 de março, participar do Capítulo Inspetorial, realizado em Cachoeira do Campo, Minas Gerais.

A reunião final da *Visita Extraordinária* foi com o Conselho Inspetorial e com os delegados dos Sistemas, de acordo com a organização das atividades da inspeção.

A visita foi interrompida nos dias 19 a 21 de março, para que o Regional pudesse participar da Conferência das Inspetorias do Sul (CISUR), na casa inspetorial de Buenos Aires, Argentina. Foi um momento de revisão das atividades comuns e de partilha do andamento dos Capítulos Inspetoriais.

Retornando à Inspeção de Belo Horizonte, o conselheiro participou,

nos dias 18 a 24 de abril, do Curso de Formação Permanente dos salesianos coadjutores. O curso, de âmbito nacional, foi realizado em Cachoeira do Campo, e teve como tema “A vida consagrada do salesiano irmão”.

O regional participou, de 27 a 30 de abril, da reunião da Conferência das Inspetorias do Brasil (Cisbrasil). Nos dois primeiros dias, o encontro reuniu os inspetores e delegados. Foram tratados vários assuntos: nomeação do delegado nacional dos cooperadores; avaliação dos serviços prestados pelo escritório de secretaria da Cisbrasil, em Brasília; cursos de formação permanente de âmbito nacional.

Na segunda parte da reunião, esteve presente o conselheiro geral para a Formação, P. Francesco Cereda. O encontro teve o objetivo de ver a realidade da formação no Brasil, refletir sobre a identidade da formação salesiana nas comunidades formadoras e nos centros de estudo, e encaminhar algumas atividades conjuntas para uma formação de qualidade. Participaram do encontro os delegados da formação de cada inspeção, juntamente com o delegado nacional.

Em 28 de maio, retornou à Casa Geral para as reuniões da sessão de verão do Conselho.

O conselheiro para a Região Interamérica

O conselheiro para a Região Interamérica, P. Esteban Ortiz González, ao final da sessão de inverno do Conselho Geral, foi a Bogotá, no dia 24 de janeiro, para iniciar, em nome do Reitor-Mor, a *Visita Extraordinária à Inspeção São Pedro Clavér (COB)*.

Após reunir-se com o inspetor, P. Nicolás Rivera Penagos, e o seu Conselho, iniciou, no dia 26 de janeiro, a visita às vinte comunidades que compõem a inspetoria. No dia 31 de janeiro, festa litúrgica de São João Bosco, presidiu a Eucaristia no Santuário da Virgen del Carmen (Colégio Leão XIII, de Bogotá), onde estavam reunidos os membros da Família Salesiana para celebrar a festa do nosso Pai.

Em 29 de fevereiro, o P. Esteban Ortiz foi a San José da Costa Rica, para os Exercícios Espirituais pregados pelo Reitor-Mor aos inspetores das regiões Interamérica e Cone Sul. No dia 7 de março, retornou a Bogotá para continuar a visita às comunidades da Inspeção São Pedro Clavér. No dia 23, fez uma reunião com as diversas comissões inspetoriais para conhecer as atividades que desenvolvem em vista da animação inspetorial.

Em 26 de março, o conselheiro apresentou a relação final da Visita

Extraordinária à Assembléia dos diretores das comunidades salesianas, da qual participaram também vários irmãos das casas de Bogotá. À tarde, houve a reunião com o inspetor e o seu Conselho como conclusão oficial da Visita Extraordinária à inspetoria.

O P. Esteban Ortiz chegava no dia 27 de março a Medellín para iniciar a *Visita Extraordinária*, em nome do Reitor-Mor, à *Inspeção São Luis Beltrán (COM)*. Depois de encontrar-se com o inspetor e o seu Conselho, iniciava, no dia 29, a visita às vinte e quatro comunidades que compõem a Inspeção de Medellín.

No domingo 25 de abril, o conselheiro Regional foi a Lima (Peru) para um trabalho de animação em vista da consulta para a nomeação do novo inspetor. Nos dias seguintes reuniu-se com os Irmãos de Piura, Cusco e Lima. Participaram das reuniões 113 Salesianos.

Em 29 de abril, o P. Esteban Ortiz chegava a Guayaquil, fazendo uma breve visita às comunidades daquela cidade. Num encontro com todos os Irmãos das comunidades apresentou-lhes a proposta pastoral que o Reitor-Mor fez aos salesianos na estréia deste ano.

Houve uma reunião, no dia 1º de maio, com o grupo do Centro Salesiano Regional para a Formação

Permanente, para rever o programa deste ano.

No dia 2, retornava a Medellín para continuar a visita às comunidades salesianas.

Em Medellín, no dia 24 de maio, presidiu a Eucaristia por ocasião da festa de Maria Auxiliadora. Estavam presentes as delegações da Família Salesiana.

Reuniu-se, no dia 26, com as Comissões Inspetoriais, para examinar o processo de animação inspetorial.

Em 29 de maio, o P. Esteban apresentava a relação final da Visita Extraordinária a uma assembléia, na qual estavam presentes o inspetor e conselheiros inspetoriais, os diretores das comunidades e alguns irmãos das casas de Medellín. À tarde, depois de um encontro com o inspetor e o seu Conselho, declarava oficialmente encerrada a Visita Extraordinária à Inspetoria São Luis Beltrán (COM).

Em 30 de maio, o conselheiro iniciava a viagem de volta a Roma para participar das reuniões da sessão plenária de verão do Conselho Geral.

O conselheiro para a Região Ásia Sul

Ao final da sessão de inverno do Conselho Geral, o conselheiro regional da Ásia Sul, P. Joaquin D'Souza, foi a Mumbai, no dia 26 de janeiro,

para iniciar na Inspetoria INB a consulta para o superior da nova Visitadoria de Konkan. Ao mesmo tempo, foram iniciadas as consultas para os superiores de outras duas Visitadorias: Myanmar e Sri Lanka, sob a responsabilidade dos dois inspetores de Kolkata (INC) e Chennai (INM), respectivamente. Depois de animar a consulta na Inspetoria de Mumbai (INB) com cinco reuniões com os irmãos em diversos lugares, o regional foi a Katpadi, Tamil Nadu, para assistir, no dia 12 de fevereiro, às celebrações pelo 50º aniversário da fundação do Auxilium College das FMA, e, no dia 14 de fevereiro, foi a Bangalore para o 25º aniversário da ereção da Inspetoria INK. No dia seguinte, o P. D'Souza foi a Nova Delhi para iniciar a *Visita Extraordinária àquela inspetoria (NN)*.

A Inspetoria de Nova Delhi, erigida em 1997, é a mais extensa das inspetorias da Índia, cobrindo o território de dez Estados do norte do País. O visitador pode visitar todas as vinte casas e presenças da inspetoria e encontrar-se com os 132 irmãos. Concluiu a Visita no dia 23 de abril. Durante esse tempo, pôde presidir também a Conferência Inspetorial em Bangalore, nos dias 13 a 17 de março, com a presença nos dois últimos dias do conselheiro

para a Pastoral Juvenil, P. Antonio Domenech.

Terminada a Visita Extraordinária de Nova Delhi, o Regional foi a Guwahati, no dia 24 de abril, para iniciar a *Visita Extraordinária à Inspeção de Guwahati (ING)*. De 25 de abril a 22 de maio, P. D'Souza visitou as casas nos Estados de Tripura, di Mizoram e das Jaintia Hills. Concluiu a primeira fase da visita em Sunnaside, Shillong, onde teve a alegria de receber as primeiras profissões de vinte e quatro noviços da Inspeção de Guwahati. No dia seguinte, o Regional partiu para Mumbai a fim de presidir no santuário mariano, na noite de 24 de maio, a solene celebração eucarística e a procissão luminosa em honra de Maria Auxiliadora. Depois de uma breve pausa de repouso em família, o P. D'Souza retornou a Roma, dia 29, para a sessão de verão do Conselho Geral.

O conselheiro para a Região Europa Norte

Ao final da sessão de inverno do Conselho Geral, P. Albert Van Heck, foi à Bélgica para celebrar a festa de Dom Bosco na casa para os jovens em perigo de Eeklo, e assistir à consagração episcopal de D. Luc Van Looy, em 1º de fevereiro.

Em seguida, no dia 2, foi a Manouba, presença da Delegação de

Malta na Tunísia, onde deu início à *Visita Extraordinária à Inspeção da Irlanda-Malta*. Durante a visita a Manouba, pôde ver a grande dedicação dos irmãos e a sua significativa presença no mundo muçulmano por meio da Escola Elementar que atende cerca de setecentas crianças. Partiu, no dia 5, para continuar a visita aos irmãos de Malta. Impressiona a presença dos salesianos entre os jovens, a organização da Pastoral Vocacional, a diversidade das propostas juvenis e o entusiasmo dos irmãos pelo carisma salesiano.

Em 14 de fevereiro, viajou para a Irlanda, iniciando ali a visita. A Irlanda foi tão determinante para a evangelização da Europa e tão generosa em seu impulso missionário, mas agora é desafiada pelo secularismo agressivo, que interpela a família, a Igreja, os valores cristãos, a vida consagrada e o carisma salesiano. Apesar disso, a inspeção apresenta uma rica variedade de presenças entre os jovens, sobretudo entre os jovens universitários, assim como nas propostas de altíssima qualidade para os jovens em perigo e no modelo pastoral, muito adequado, das capelanias nas escolas.

Dia 7, o conselheiro retornava a Roma para partir novamente, no dia seguinte, para a Hungria. No dia 8,

assistia em Budapest a reunião do Conselho Inspetorial, fazendo uma revisão do desenvolvimento da inspetoria, e encontrando-se sucessivamente com os irmãos em formação inicial. Retornava a Roma no dia 10.

No dia 14, o conselheiro foi à *Circunscrição Especial do Leste*, para fazer a segunda *Visita Extraordinária* do período. Até o dia 2 de maio, o conselheiro visitou os diversos países nos quais os irmãos trabalham: Ucrânia, Lituânia, Belarus, Geórgia, Rússia Européia e Rússia Asiática. Confrontados com mil dificuldades e incertezas, atuam ali com grande dedicação e esperança. Existem sombras: o difícil diálogo com a Igreja Ortodoxa e a legislação pouco clara sobre isso, a fragilidade vocacional, a dificuldade de consolidar a vida comunitária e a falta de pessoal. Há luzes, também: o crescimento lento da Igreja Católica, o crescimento dos irmãos de rito bizantino, as presenças significativas de Moscou-Fili para os meninos de rua, a escola de tipografia e de contabilidade em Gatchina e o nascimento da primeira Federação de Ex-Alunos Russos (todos jovens adultos ortodoxos), a primeira escola profissional católica reconhecida na Ucrânia e em toda a área da ex-União Soviética, o crescimento da paróquia de Minsk em Belarus, a vitalidade

juvenil da paróquia de Vilnius na Lituânia, o início do Boletim Salesiano em língua russa, as presenças corajosas em Yakutsk e Aldan na República Sakha-Yakutiya na Sibéria, as presenças prometedoras na Geórgia e, sobretudo, um núcleo de jovens irmãos bem qualificados e orgulhosos de serem salesianos. Em 26 de abril, o conselheiro teve a alegria de abrir o quarto Capítulo Inspetorial.

Em 2 de maio, o conselheiro retornou a Roma, de onde partiu novamente para a Bélgica, no dia 4, por motivos familiares e para presidir, nos dias 7 a 10, o Encontro Anual dos Inspetores da Região Europa Norte, em Hilversum, Holanda. Tema principal do encontro foi o estudo da '*Fragilidade vocacional*'. Serviram como textos-base o documento do Dicastério da Formação e o exame das saídas, preparado por todos os inspetores. Foi um encontro muito enriquecedor, não só do ponto de vista de intercâmbio, de encontro fraterno, mas também do ponto de vista cultural. Tivemos a oportunidade de admirar um belíssimo pedaço dos *Polders* da terra holandesa.

Em 12 de maio, P. Van Hecke retornou a Roma, de onde partiu novamente, no dia 14, para assistir a posse do novo inspetor da Inspetoria de Pila, Polônia, P. Zbigniew Lepko.

Nessa ocasião, também pôde visitar o estudantado de Lad e assistir a posse do novo diretor dessa grande e importante comunidade formativa, com quarenta e sete irmãos em formação inicial.

No dia 16 de maio, diretamente de Pila, foi à República Checa para acompanhar a consulta em vista da nomeação do novo inspetor. Foram três dias intensos em Brno, Pardubice e Praga, mas sobretudo de grande participação dos irmãos no processo de discernimento, tão importante para o futuro da inspetoria.

Em 20 de maio, o conselheiro retornava a Roma para preparar a sessão de verão do Conselho Geral.

O conselheiro para a Região Europa Oeste

Basicamente a *Visita Extraordinária à Inspetoria da França* ocupou o P. Filiberto em todo o tempo disponível entre as duas sessões, de inverno e de verão, do Conselho Geral. Depois da unificação das antigas inspetorias de Lyon e Paris em 1998, a nova Inspetoria São Francisco de Sales é extensa e com uma grande complexidade de comunidades e obras.

A visita teve início no dia 25 de janeiro, a partir da comunidade de Nice, primeira casa salesiana fundada por Dom Bosco fora da Itália. A visita

foi interrompida freqüentemente por diversos acontecimentos:

– A visita do Reitor-Mor para a inauguração do Centro “Jean Bosco” de Lyon, nos dias 13 a 15 de fevereiro. O Centro “Jean Bosco” representa uma interessante criação e um grande investimento das inspetorias (SDB/FMA) para garantir a formação dos salesianos, das FMA e dos leigos na pedagogia e na espiritualidade salesiana.

– A reunião da Região “Europa Oeste”, que aconteceu em Madri e Lyon, de 9 a 14 de março.

– A participação na sessão da reunião intermediária do Conselho Geral, realizada em Roma, de 29 de março a 8 de abril, onde foi feita uma reflexão sobre a “Região Europa Oeste”.

– A participação no Capítulo Inspetorial, realizado em Ressins nos dias 12 a 15 de abril.

– As beatificações do Príncipe Augusto Czartorysky, da Ir. Eusébia Palomino e da Cooperadora portuguesa Alexandrina da Costa, em Roma, nos dias 24 a 26 de abril.

– A visita do Reitor-Mor às inspetorias da Espanha, Leon e Sevilha, de 19 de abril a 10 de maio.

As freqüentes interrupções, a vastidão da inspetoria depois da unificação, a complexidade das obras, administradas muitas vezes por lei-

gos, conselhos, associações aos quais se deve ouvir, transmitir mensagens, encorajar, indicar linhas de ação para o futuro, fizeram com que a visita se prolongasse até o dia 23 de maio, em Coat-an-Doc'h, três dias depois da apresentação final, em Lyon nos dias 18 e 19, ao Conselho Inspetorial e aos responsáveis das comunidades.

Em seguida, P. Filiberto celebrou a festa de Maria Auxiliadora em Madrid, onde ficou até o dia 28 de maio. De lá, foi a Valência, para acompanhar o Reitor-Mor em sua visita de animação àquela inspetoria. Retornou à Casa Geral, em 31 de maio, para o início da sessão de verão do Conselho Geral.

O conselheiro para a Região Itália e Oriente Médio

O conselheiro regional para a Itália e Oriente Médio, P. Pier Fausto Frisoli, logo após a nomeação pelo Reitor-Mor, que se deu no dia 9 de janeiro, presidiu na Casa Geral, até o dia 12, a Conferência dos Inspetores da Região, prevista em programação.

De 12 a 24 de janeiro, tomou parte na sessão de inverno do Conselho Geral, promovendo a consulta para a nomeação do novo inspetor da Inspetoria Romana.

Dia 27, encontrou-se em Florença com o inspetor CISI, o delegado

para as vocações, P. Alberto Lorenzelli, e o delegado nacional, P. Valério Baresi.

Presidiu, no dia 29, o Conselho Inspetorial da Inspetoria Adriática.

Dia 4 de fevereiro, iniciou a *Visita Extraordinária à Inspetoria do Oriente Médio*, encontrando-se sucessivamente com os irmãos do Líbano (El Houssoun e Al Fidar), da Síria (Damasco, Kamishly, Aleppo, Kafroun) e do Egito (Cairo-Rod El Farag, Cairo-Zeitun e Alexandria).

Retornou a Roma, no dia 11 de fevereiro, para participar de dois turnos de Exercícios Espirituais pregados pelo Reitor-Mor aos diretores da Região. Dia 14, presidiu um encontro da Família Salesiana de Roma-Testaccio. De 29 de março a 7 de abril participou da sessão intermediária do Conselho Geral, dedicada, entre outras coisas, ao estudo da Região Itália e Oriente Médio.

Em 8 de abril retomou a segunda fase da *Visita Extraordinária*, visitando as comunidades de Belém, Beit-Gemal, Nazaré e Cremisan. De 2 a 5 de maio, foi ao Alto Egito, à Diocese de Assiut e Sohag, a convite dos respectivos bispos, para estudar as possibilidades da abertura de uma nova presença.

Retornando à Itália, presidiu a CISI em Turim, nos dias 6 a 9 de maio.

De 12 a 21 de maio, foi novamente ao Oriente Médio, para visitar as comunidades de Istambul e Teerã. Retornando à Itália, celebrou a Festa de Maria Auxiliadora em Frascati-Villa Sora. Em seguida, concluiu a Visita Extraordinária presidindo em Belém o Conselho Insuperiorial do MOR, de 27 a 29 de maio.

No dia 30, visitou a comunidade do pós-noviciado de Nave e, no dia 31, a comunidade dos teólogos de Turim-Crocetta.

O secretário geral

Na atuação das linhas fixadas na programação do sexênio, o secretário geral nesse período – de acordo com o Reitor-Mor e os respectivos conselheiros regionais – promoveu dois encontros de secretários insuperioriais, respectivamente:

– em Roma, na Casa Geral, para os secretários da Região Europa Norte, de 10 a 14 de maio;

– em Madri, Espanha, na Casa Dom Bosco, para os secretários da Região Europa Oeste, de 17 a 21 de maio.

Como indicado na carta de convocação, os encontros tinham caráter de atualização e intercâmbio recíproco. Os assuntos na ordem do dia foram aqueles que interessam ao secretário e à secretaria insuperiorial,

em relação tanto à documentação, quanto às estatísticas, aos aspectos jurídicos, aos arquivos e bibliotecas. Um relevo particular foi dado justamente aos arquivos e também às diversas práticas jurídicas.

Deve-se ressaltar a participação ativa dos secretários e a fraternidade dos encontros, que valeram também para um conhecimento recíproco das diversas realidades. Um agradecimento especial deve ser feito à comunidade da Casa Geral e à Insuperioria de Madri, que hospedaram os secretários com acolhida salesiana.

5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS

5.1 HOMILIA DO REITOR-MOR NA MISSA DE AÇÃO DE GRAÇAS EM HONRA DOS TRÊS NOVOS BEM-AVENTURADOS DA FAMÍLIA SALESIANA.

Apresenta-se o texto da homilia do Reitor-Mor, P. Pascual Chávez Villanueva, na solene Eucaristia concelebrada na Basílica do Sagrado Coração em Roma, no dia 26 de abril de 2004, como ação de graças e invocação dos três novos Bem-aventurados da nossa Família Salesiana, P. Augusto Czarторыski SDB, Ir. Eusébia Palomino Yanes FMA e Alexandrina da Costa, cooperadora. A homilia é um renovado convite a percorrer os caminhos da santidade salesiana, a exemplo dos nossos irmãos e irmãs beatificados.

Como Família Salesiana, vivemos um fim de semana realmente inesquecível. “O Senhor foi bom, ou melhor, maravilhoso conosco, e estamos contentes”. Com o coração cheio de alegria e de emoção, reunimo-nos nesta Basílica do Sagrado Coração, que viu juntos Dom Bosco e o então Príncipe Augusto Czarторыski vindos a Roma para a consagração desta igreja, para agradecer a Deus o dom da santidade

salesiana, que se tornou novamente presente e urgente com a beatificação do P. Augusto Czarторыski, da Ir. Eusébia Palomino e de Alexandrina da Costa.

A beatificação deles é uma nova confirmação de que a Família Salesiana é uma família de santidade e que cada um de nós, no próprio estado de vida, pode encontrar modelos a imitar para a própria vida. Hoje, os cooperadores e as cooperadoras recebem o próprio selo oficial de autenticidade evangélica no reconhecimento da santidade de um dos membros de sua Associação. Essa confirmação chega muito oportunamente agora, enquanto vós, caros cooperadores e cooperadoras, estais reformulando o vosso Regulamento de Vida, porque recorda que o objetivo da vossa vida é a vossa santificação.

Receber um presente como este comporta uma responsabilidade maior. O percurso interior, espiritual, desses três irmãos e irmãs beatificados, iluminado pela palavra de Deus, oferece-nos elementos para responder ao Senhor. De fato, poder-se-ia sintetizar na exortação de São Pedro: “Sede bons administradores da multiforme graça de Deus”.

Os santos têm um grande significado para a Igreja e para as Congregações, Institutos, Sociedades de

Vida Apostólica ou Associações de leigos aos quais pertencem, mas são também uma preciosa reserva de santidade. Eles são significativos para o mundo não tanto e não só pelo bem que realizaram – em alguns casos notabilíssimos, em outros muito humildes – mas pelos valores que encarnaram e que deixaram em herança à sociedade.

Num contexto sempre mais marcadamente secularizado, onde não faltam até mesmo hostilidades e conflitos para os crentes, o Beato Augusto Czarторыski, a Beata Eusébia Palomino e a Beata Alexandrina da Costa ensinam-nos como enfrentá-lo.

Antes de tudo, com a serenidade, na lógica das bem-aventuranças evangélicas.

Com esse pano de fundo, o esforço espiritual de todos nós deve ser mais vivo. O primado de Deus deve ser claro: “Esta é a vitória que venceu o mundo: a nossa fé” (1Jo 5,4). Eis a nossa carta vencedora: mostrar-nos verdadeiros crentes, entusiastas e corajosos, conscientes de que – como disse São Francisco de Sales – “não somos verdadeiramente humanos e cristãos se não amamos a Deus mais do que a nós mesmos”. Eis a fonte do humanismo salesiano e da nossa santidade salesiana.

Com essa finalidade são-nos dadas algumas recomendações essenciais, que traçam um programa para a vida de cada um e das nossas comunidades, famílias ou grupos:

1. *A sobriedade e a austeridade em nosso estilo de vida*, que possa contrastar uma cultura de consumo que tende a fazer de nós perfeitos consumidores de produtos, de sensações, de experiências. Viver do essencial, superando a tentação da vaidade, do orgulho, da auto-suficiência, do desperdício, do supérfluo, sobretudo num mundo que conhece uma divisão escandalosa entre poucas pessoas e nações que acumulam a maior parte da riqueza e a imensa maioria da população mundial que luta para sobreviver. Ao *homo consumens*, os nossos bem-aventurados opõem o *homo serviens*.

2. *A caridade sincera e operosa*, que faz de cada um de nós um sinal do amor preveniente e providente de Deus, que nos torna bons samaritanos sempre dispostos a servir os que precisam, ou melhor, a colocar-nos em caminho para ir ao encontro dos mais pobres, marginalizados e excluídos. Viver não centrados em nós mesmos, mas sempre atentos e disponíveis a servir, a viver “pro-existencialmente” como Jesus. Ao *homo egolatra*, os nossos bem-aventurados opõem o *homo solidalis*.

3. *A estrada real da humildade e do serviço*, que nos revisa como homens e mulheres com mentalidade evangélica, como genuínos discípulos de Jesus que se apresentou e viveu em nosso meio como alguém que servia, e que deu, dessa forma, prova do seu senhorio. Viver não buscando ser os primeiros e os triunfantes, segundo os critérios do mundo, mas segundo a lógica do Evangelho: “Para vós não será assim; mas quem for o maior dentre vós, torne-se o menor”. Ao *homo superbus* os nossos bem-aventurados opõem o *homo humilis*.

Eis a contribuição trazida pelos Beatos Czartoryski, Palomino e Alexandrina para colaborar na construção de um mundo melhor possível.

Queridos irmãos, irmãs, amigos, acolhamos o dom que nos fazem estes membros da nossa Família Salesiana. Eles nos dizem hoje: **“Sede bons administradores da multiforme graça de Deus”**.

Padre Pascual Chávez V.

Roma, Basílica do Sagrado Coração.

26 de abril de 2004

5.2 CARTA DO REITOR-MOR SOBRE A BASÍLICA DE MARIA AUXILIADORA EM TURIM

Apresenta-se a carta circular, escrita pelo Reitor-Mor no início do mês de Maria Auxiliadora, a fim de solicitar a colaboração solidária de toda a Família Salesiana para os trabalhos de restauração que se tornam necessários e urgentes na Basílica de Maria Auxiliadora em Turim-Valdocco. A Basílica foi edificada por Dom Bosco como sinal de reconhecimento da Congregação e da Família Salesiana à Mãe de Deus.

04.0456

Roma, 24 de Abril de 2004.

Início do Mês de Maria Auxiliadora.

Caríssimos inspetores,

Caríssimos diretores das comunidades salesianas,

Caríssimos irmãs e irmãos da Família Salesiana,

Caríssimos amigos e benfeitores da obra salesiana,

Uma cara saudação a todos vós. Desejo-vos os dons da paz e da alegria que brotam da Santa Páscoa de Nosso Senhor Jesus Cristo, e imploro a bênção e o dom do Espírito para cada um de vós, para vossas inspetorias, para vossas comunidades, para cada uma de vossas famílias.

Como vedes da data desta minha carta, eu vos escrevo no início do mês

mariano salesiano, o mês de Maria Auxiliadora, que a nossa tradição faz iniciar com o 24 de abril para concluir-se com a solene Festa de Maria Auxiliadora, em 24 de maio.

Dom Bosco costumava dizer da sua missão e da sua Congregação: **“Nossa Senhora fez tudo”**. Em sua vida, ele sempre cultivou um amor verdadeiro por Nossa Senhora, um amor que conformava profundamente o seu modo de ser segundo as virtudes marianas, sobretudo no abandono à vontade de Deus.

Como sinal de reconhecimento a Maria, Dom Bosco quis edificar um Santuário que fosse expressão do amor de toda a Família Salesiana pela Mãe de Deus. Surgiu assim a Basílica de Maria Auxiliadora, consagrada solenemente em 9 de junho de 1868. Naqueles mesmos anos (1872) Dom Bosco, sempre em honra de Maria, dava início, com Santa Maria Domingas Mazzarello, também ao Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora que, segundo o seu pensamento, devia ser o Monumento vivo à Virgem Auxiliadora.

Quando Dom Bosco iniciou a construção da Basílica, estava, como sempre, em grave dificuldade econômica. Ao P. Angelo Savio, que lhe dizia: “Dom Bosco, a caixa está vazia, não podemos iniciar a constru-

ção da Basílica!”, ele replicava: “Começa mandando fazer as fundações. Devemos deixar alguma coisa à Divina Providência...”.

Em 9 de junho de 1868, ao final da solene consagração da Basílica, quando muitos bispos e personalidades o cumprimentavam pelo empreendimento, Dom Bosco respondeu com uma expressão simples, mas rica de fé: “Meu Deus, eu não fiz nada. *Aedificavit sib domum Maria*”. Maria construiu para si a própria casa. **“Cada pedra, cada ornamento assinala uma sua graça”** (MB IX, 247).

Caríssimos, quis recordar este modo de agir e de ver de Dom Bosco para **convidar-vos a concorrer com a vossa generosidade** para uma obra que hoje se coloca certamente como muito trabalhosa: a da **restauração substancial da mesma Basílica**. Estou certo de que Dom Bosco faria hoje a mesma coisa, convidando a honrar a Maria e garantindo a sua proteção às nossas comunidades, às nossas famílias e às nossas pessoas.

Os trabalhos mais urgentes são em relação à **cúpula maior da Basílica**, tanto para a cobertura externa quanto para a restauração interna. Esta última deveria referir-se também à **vapela de Dom Bosco**, a de **São José** e toda a **zona do presbitério**, compreendida a cúpula menor.

Outros trabalhos serão feitos também nas **capelas menores** do Sagrado Coração, de São Francisco de Sales e de Santa Maria Domingas Mazzarello.

Como podeis imaginar, os trabalhos serão muito custosos. É por isso que **pedimos a vossa ajuda**. Seria belo que cada inspetoria salesiana, cada comunidade local, cada realidade da Família Salesiana, em primeiro lugar os cooperadores salesianos e a ADMA, exprimissem a própria participação para dar novamente esplendor à “Casa que Maria construiu para si”. Como sucessor de Dom Bosco, **convido-vos a fazer deste ato de generosidade uma verdadeira experiência espiritual, confiando novamente a vossa vida a Maria Auxiliadora e entregando a Ela as súplicas que vos são mais importantes**. Ela certamente vos demonstrará a sua proximidade e a sua ajuda, respondendo às vossas orações.

Agradeço-vos, caríssimos irmãos e caríssimas irmãs. O Senhor Jesus vos obtenha contemplar neste mês mariano a face de Maria e de aprender dEla, Mãe nossa e Auxílio dos Cristãos, o modo mais verdadeiro de acolher e viver a Palavra de Deus.

Saúdo-vos com afeto e a todos abençôo.

Padre Pascual Chávez Villanueva
Reitor-Mor

5.3 DECRETO DE EREÇÃO CANÔNICA DA VISITADORIA SALESIANA MARIA AUXILIADORA, DE MYANMAR

Prot. nº 135/2004

DECRETO DE EREÇÃO CANÔNICA DA VISITADORIA SALESIANA MARIA AUXILIADORA, DE MYANMAR

O abaixo assinado, Padre **Pascual CHÁVEZ VILLANUEVA**, Reitor-Mor da Sociedade Salesiana de São João Bosco,

- considerando o desenvolvimento da missão salesiana e a extensão territorial da Inspetoria Salesiana “São João Bosco” de Calcutá (Índia);
- levando em consideração que, para uma animação mais eficaz, em setembro de 1991 foi constituída a Delegação Inspetorial de “Myanmar-Burma”, com sede em Yangon (Myanmar);
- examinados os resultados da consulta feita na Inspetoria;
- considerado o parecer favorável do Inspetor com seu Conselho;
- obtido o consenso do Conselho Geral na reunião de **5 de dezembro de 2003**, de acordo com os artigos 132 §1,1 e 156 das Constituições,

SEPARA da Inspetoria Salesiana São João Bosco, de Calcutá, as seguintes casas:

1. ANISAKAN – Nazaré, “São Domingos Sávio”,
2. ANISAKAN – Noviciado, “São José”,
3. THIBAW, “São João Bosco”,
4. YANGON, “São João Bosco”, além das seguintes **presenças salesianas**, ainda não erigidas canonicamente:
 - KUNLONG,
 - NAMTU.

E, mediante o presente Decreto, **ERIGE CANONICAMENTE** a nova **VISITADORIA SALESIANA de MYANMAR**, intitulada a **MARIA AUXILIADORA**, com sede em **YANGON (Myanmar)**, casa **São João Bosco**, com as Casas e presenças salesianas enunciadas acima.

Fica estabelecido quanto segue:

1. pertencem à visitadoria os irmãos que, na data da ereção canônica, vivem e trabalham nas casas e presenças salesianas acima enunciadas;
2. a ela também pertencem os irmãos em formação provenientes de Myanmar, mesmo se inseridos em comunidades formadoras externas;
3. o âmbito das relações da visitadoria com a inspetoria de origem será definido por eventual Convênio, aprovado pelo Reitor-Mor.

O presente Decreto entrará em vigor no dia **6 de agosto de 2004**.

Roma, 13 de junho de 2004, solenidade de Corpus Domini.

P. Pascual Chaves Villanueva,
Reitor-Mor
P. Marian Stempel,
secretário geral

5.4 DECRETO DE EREÇÃO CANÔNICA DA VISITADORIA SALESIANA SÃO JOSÉ, DO SRI LANKA

Prot. nº 136/2004

DECRETO DE EREÇÃO CANÔNICA DA VISITADORIA SALESIANA SÃO JOSÉ, DO SRI LANKA

O abaixo assinado, Padre **Pascual CHÁVEZ VILLANUEVA**, Reitor-Mor da Sociedade Salesiana de São João Bosco,

- considerando o desenvolvimento da missão salesiana e a extensão territorial da Inspetoria Salesiana Santo Tomé Apóstolo, de Madras (Índia);
- levando em consideração que, para uma animação mais eficaz, foi constituída em junho de 1993 a Delegação Inspeitoral Sri

Lanka, com sede em Kandy (Sri Lanka);

- examinados os resultados da consulta feita na inspetoria;
- visto o parece favorável do inspetor com o seu Conselho;
- obtido o consenso do Conselho Geral na reunião de **5 de dezembro de 2003**, de acordo com os artigos 132 §1,1 e 156 das Constituições,

SEPARA da Inspeção Salesiana Santo Tomé Apóstolo, de Madras, as seguintes casas:

1. ARABEGAMA, “Maria Auxiliadora”,
2. DANKOTUWA, “São Domingos Sávio”,
3. DUNGALPITIYA, “São José”,
4. KANDY, “São João Bosco”,
5. KOTADENIYAWA, “São João Bosco”,
6. NEGOMBO, “São João Bosco”,
7. NOCHICHIAGAMA, “São Sebastião”,
8. PALLIYAWATTA, “Nossa Senhora do Monte Carmelo”,
9. USWETAKEIYAWA, “São José”, e também a **presença salesiana**, ainda não erigida canonicamente, em ELPITIYA, “Sagrado Coração”.

E, mediante o presente Decreto, **ERIGE CANONICAMENTE** a nova **VISITADORIA SALESIANA** do **SRI LANKA**, intitulada a **“SÃO JOSÉ”**, com sede em DUNGALPITIYA (Sri

Lanka), casa **“São José”**, com as casas e presenças salesianas acima enunciadas.

Fica estabelecido quanto segue:

1. pertencem à visitadoria os irmãos que, na data da ereção canônica, vivem e trabalham nas casas e presenças salesianas acima enunciadas ou segundo a opção feita previamente;
2. a ela pertencem também os irmãos em formação provenientes do Sri Lanka, mesmo se inseridos em comunidades formadoras externas;
3. O âmbito das relações da visitadoria com a inspeção de origem será definido por eventual Convênio, aprovado pelo Reitor-Mor.

O presente Decreto entrará em vigor no dia **15 de agosto de 2004**.

Roma, 13 de junho de 2004, solenidade de Corpus Domini.

P. Pascual Chaves Villanueva,
Reitor-Mor

P. Marian Stempel,
secretário eral

5.5 DECRETO DE EREÇÃO CANÔNICA DA VISITADORIA SALESIANA BEM- AVENTURADO JOSÉ VAZ, DE PANJIM, ÍNDIA

Prot. nº 137/2004

**DECRETO DE EREÇÃO
CANÔNICA DA VISITADORIA**

SALESIANA BEM-AVENTURA-
DO JOSÉ VAZ, DE PANJIM, ÍNDIA

O abaixo-assinado, Padre **Pascual CHÁVEZ VILLANUEVA**, Reitor-Mor da Sociedade Salesiana de São João Bosco,

- considerando o desenvolvimento da missão salesiana e a extensão territorial da Inspetoria Salesiana São Francisco Xavier, de Bombaim (Índia);
- levando em consideração que, para uma animação mais eficaz, em julho de 1999, foi constituída a Delegação Inspetorial Konkan, com sede em Odxel (Goa);
- examinados os resultados da consulta efetuada na inspetoria;
- visto o parecer favorável do inspetor com o seu Conselho;
- obtido o consenso do Conselho Geral na reunião de **5 de dezembro de 2003**, de acordo com os artigos 132 §1,1 e 156 das Constituições,

SEPARA da Inspetoria São Francisco Xavier, de Bombaim, as seguintes casas:

1. BENAULIN, “Bem-aventurado José Vaz”,
2. FATORDA MARGÃO, “São João Bosco”,
3. ODXEL, “São João Bosco”,

4. PANJIM, “São João Bosco”,
5. PINGULI, “São João Bosco”,
6. QUEPEM, “São João Bosco”,
7. SIRSI, “Bem-aventurado José Vaz”,
8. SULCORNIA, “São João Bosco”,
9. SUTTGATTI – Hubli, “São João Bosco”,
10. TUEM, “São Francisco Xavier”, além das seguintes **presenças salesianas**, ainda não canonicamente erigidas:
 - KAKATI,
 - KUDAL,
 - LOUTOLIM,
 - PARRA,
 - TRASI.

E, mediante o presente Decreto, **ERIGE CANONICAMENTE** a nova **VISITADORIA SALESIANA DE PANJIM, intitulada ao BEM-AVENTURADO JOSÉ VAZ, com sede em ODXEL (Goa), Casa São João Bosco**, com as casas e presenças salesianas acima enunciadas.

Fica estabelecido quanto segue:

1. pertencem à visitadoria os irmãos inscritos nas casas e presenças salesianas acima enunciadas, segundo a opção feita previamente;
2. a ela também pertencem os irmãos em formação conforme a opção feita previamente;
3. o âmbito das relações da visitadoria com a inspetoria de origem será

definido por eventual Convênio, aprovado pelo Reitor-Mor.

O presente Decreto entrará em vigor no dia **31 de agosto de 2004**.

Roma, 13 de junho de 2004, solenidade de Corpus Domini.

P. Pascual Chaves Villanueva,
Reitor-Mor
P. Marian Stempel,
secretário geral

5.6 TRANSFERÊNCIA DA CASA SÃO FRANCISCO DE SALES, NO VATICANO, À CIRCUNSCRIÇÃO DA CASA GERAL

Apresenta-se o Decreto do Reitor-Mor, com o qual foi disposta a transferência da Casa São Francisco de Sales, situada na Cidade do Vaticano, da Inspeção Romana (IRO) à Circunscrição da Casa Geral (RMG).

Prot. nº 138/2004

O REITOR-MOR da Sociedade Salesiana de São João Bosco, P. Pascual CHÁVEZ VILLANUEVA, – considerada a missão particular da comunidade salesiana **São Francisco de Sales**, com sede na **Cidade do Vaticano** – erigida canonicamente em 12 de abril de 1946 –, empenhada ao serviço da Sé Apostólica (par-

ticularmente com a direção e a administração da Tipografia e da Livraria Editora Vaticana), com ligações específicas com o Reitor-Mor e o seu Conselho;

- levando em conta o art. 156 das Constituições, e depois de ter ouvido o parecer do inspetor da Inspeção Romana com o seu Conselho;
- obtido o consenso do Conselho Geral na reunião de 5 de dezembro de 2003, de acordo com o artigo 132 §1 das Constituições,

DECRETA:

1. **A Casa São Francisco de Sales, com sede na Cidade do Vaticano, é transferida da Inspeção São Pedro de Roma à Circunscrição da Casa Geral Bem-aventurado Miguel Rua, casa diretamente dependente do Reitor-Mor.**
2. Como para a Casa Geral, o superior maior da Casa São Francisco de Sales, do Vaticano, é o Reitor-Mor que, para o exercício ordinário das tarefas, direitos e faculdades inerentes dá mandato especial ao seu Vigário.
3. A Casa São Francisco de Sales é guiada por um diretor com o seu Conselho, conforme as Constituições. O diretor é nomeado pelo Reitor-Mor com o seu Conselho, que levará em conta a missão peculiar da comunidade e poderá

oportunamente consultar os irmãos da mesma comunidade.

4. Os irmãos juridicamente inscritos na Casa São Francisco de Sales deixam de fazer parte de sua inspetoria de proveniência por toda a duração do próprio encargo nesta casa, mas conservam a pertença jurídica radical à inspetoria da qual provêm.
5. Para o Capítulo Geral, o diretor da comunidade e um delegado eleito pela Assembléia dos irmãos da mesma comunidade participarão da peculiar Assembléia constituída na Casa Geral em preparação ao Capítulo Geral, conforme o Estatuto da mesma Casa Geral.

O presente decreto entrará em vigor no dia **16 de agosto de 2004**.

Roma, 13 de junho de 2004, solenidade do Corpus Domini.

P. Pascual Chaves Villanueva,

Reitor-Mor

P. Marian Stempel,

secretário geral

5.7 NOVO BISPO SALESIANO

RUWEZI KASHALA GASTON,
Bispo de Sakania-Kipushi (R.D.C.)

O *Osservatore Romano* de 15 de maio de 2004 publicava a notícia da nomeação, feita pelo Santo Padre, do

sacerdote salesiano GASTON KASHALA RUWEZI como bispo da Diocese de SAKANIA-KIPUSHI, na República Democrática do Congo. Nascido em 14 de abril de 1961 em Kolwezi, Dilala (R.D.C.), Gaston Ruwezi é salesiano desde 8 de setembro de 1982, quando emitiu a primeira profissão religiosa no noviciado de Kansebula, Inspetoria da África Central. Feitos os estudos do pós-noviciado e o tirocínio prático na inspetoria, foi enviado a Turim-Crocetta para os estudos de teologia. Professo perpétuo em 8 de setembro de 1988 (Turim), foi ordenado sacerdote em Lubumbashi (R.D.C.) em 14 de julho de 1990. Após a ordenação presbiteral, esteve ainda por dois anos em Roma, na comunidade do Testaccio, para aperfeiçoar os seus estudos, obtendo a Licença em Teologia bíblica junto ao Pontifício Instituto Bíblico. Retornando à inspetoria, de 1993 a 1999 foi professor no estudantado teológico de Lubumbashi. Conselheiro inspetorial desde 1996, em 1999 foi nomeado vigário do inspetor, tarefa que ainda desenvolvia. Foram-lhe confiados ultimamente vários encargos de animação inspetorial (para a Formação, para a Pastoral Juvenil e Vocacional, para a Família Salesiana). A diocese que agora é chamado a guiar como bispo

tem uma superfície de 40.000 km² e conta com cerca de 110.000 católicos (metade da população).

TRANSFERÊNCIAS DE SEDE

O *Osservatore Romano* de 15 de maio trazia também as seguintes comunicações relativas a dois bispos salesianos:

1. Dom Leo M. DRONA, bispo de San

Jose City (Filipinas) desde 1987 (cf. ACG 322, 65), foi transferido à sede episcopal de SAN PABLO, Filipinas (sede sufragânea de Manila).

2. Dom Francis Xavier Osamu MIZOBE, bispo de Sendai (Japão) desde o ano de 2000 (cf. ACG 372, 101), foi transferido à sede episcopal de TAKAMATSU, Japão (sede sufragânea de Osaka).

5.8 IRMÃOS FALECIDOS (2º ELENCO 2004)

“A fé em Cristo ressuscitado sustenta a nossa esperança e mantém viva a comunhão com os irmãos que repousam na paz de Cristo. Consumiram a vida na Congregação e não poucos sofreram até mesmo o martírio por amor do Senhor... A sua lembrança é estímulo para continuarmos com didelidade a nossa missão” (Const. 94).

NOME	LUGAR	DATA DA MORTE	IDADE	INSP
P ACOSTA YARAURE Urbano José	Puerto Cumarebo (Venezuela)	09/05/2004	43	VEN
L AIMAR Giuseppe	Turim (Itália)	13/03/2004	89	ICP
L ALBORNOZ FLORES José A.	Carrasquero (Venezuela)	05/05/2004	90	VEN
L BALCONI Remo	Turim (Itália)	30/03/2004	80	ICP
P BARALE Armando	Taranto (Itália)	26/05/2004	87	IME
P BASSI Giuseppe	Arese (Itália)	19/03/2004	62	AFC
P BERDYCHOWSKI Marek	Czestochowa (Polônia)	01/04/2004	44	PLO
P BERTANI Luigi	Ferrara (Itália)	09/06/2004	84	ILE
P BRUNKA Henryk	Lichtenfels (Alemanha)	23/03/2004	71	PLE
L CAMPOS Donário	Cruzeiro (Brasil)	21/03/2004	93	BSP
P CINQUETTI Rinaldo	Negrar (Itália)	05/04/2004	84	INE
P COGLIATI Rodolfo	Castel de' Britti (Itália)	24/03/2004	93	ILE
P COLOMBO Domenico	Forlì (Itália)	08/04/2004	69	ILE
P CURIEL FORTOUL José Antonio	Tehuacán (México)	31/05/2004	51	MEM

NOME	LUGAR	DATA DA MORTE	IDADE	INSP
E D'AVERSA Michele	Manicoré (Brasil)	20/03/2004	88	//
<i>Foi inspetor por 7 anos. Eleito bispo titular de Macri em 1962, foi por 17 anos prelado territorial e por 12 anos bispo de Humaitá (Brasil)</i>				
P DLUGOLECKI Józef	Cracóvia (Polônia)	10/06/2004	84	PLS
P FIDURSKI Władysław	Rumia (Polônia)	09/05/2003	80	PLN
P GARZONI Antonio	Codigoro (Itália)	05/04/2004	94	ILE
P GASIK Jerzy Wawrzyniec	Płock (Polônia)	27/04/2004	73	PLE
P GIARRATANO Vincenzo	Alcamo (Itália)	04/03/2004	90	ISI
P GLAUER Stanisław	Quito (Equador)	29/05/2004	86	ECU
P GOUÉE René	Caen (França)	13/03/2004	91	FRA
P GRANERO Octavio Victorio	Vignaud (Argentina)	08/06/2004	81	ARO
P GROBELAK Jerzy	Oświęcim (Polônia)	05/05/2004	71	PLS
P HERNÁNDEZ PÉREZ Fausto	Pozoblanco (Espanha)	13/04/2004	89	SCO
P ISHIKAWA Kosuke Joseph	Tóquio (Japão)	14/04/2004	65	GIA
P KASIK Manuel	Arequipa (Perú)	27/04/2004	91	PER
L KOK James Tak/cheung	Hong Kong (China)	02/06/2004	69	CIN
P LA PORTA Domenico	Pedara (Itália)	14/03/2004	90	ISI
P LAMONTANO Caetano	Campinas (Brasil)	13/06/2004	85	BSP
L MADLENER Helmut	Munique (Alemanha)	19/04/2004	67	GEM
P MARSIC Janez	Trsténik (Eslovênia)	05/04/2004	67	SLÖ
P MASIAS ABADIA Eugenio Benjamín	Lima (Perú)	09/05/2004	73	PER
P MASSARINO GABRIELLI Victorio	Montevideo (Uruguai)	27/04/2004	82	URU
P MATÍAS Hugo Lorenzo	Córdoba (Argentina)	30/04/2004	73	ACO
P McALEER Paul	Frimley Park (Inglaterra)	22/03/2004	83	GBR
P MOGNONI Santo	Turin (Itália)	30/04/2004	80	ICP
P MOLENDOWSKI Tadeusz	Poznan (Polônia)	16/03/2004	72	PLO
P MONCHIETTI Renato	Turin (Itália)	31/03/2004	66	ICP
P MORGANTI Enrico	Lugano (Suíça)	14/05/2004	94	ILE
P MOSSER Victor	Haguenau (França)	14/05/2004	84	FRA
P MROCZKOWSKI Zbigniew	Aleksandrów K. (Polônia)	04/06/2004	76	PLN
P PAZ Ricardo	Tucumán (Argentina)	17/03/2004	73	ACO
P PETIT Lambert	Roma (Itália)	13/05/2004	78	RMG
P REIG PÉREZ José	El Campello (Espanha)	13/06/2004	70	SVL
P REY Edoardo	Cumiana (Itália)	30/04/2004	88	ICP
L RITZL Josef	Amberg (Alemanha)	23/04/2004	81	GEM
P ROCCO Aristides	São Paulo (Brasil)	11/06/2004	90	BSP

NOME	LUGAR	DATA DA MORTE	IDADE	INSP
P RODRÍGUEZ REGALADO Emilio	Caracas (Venezuela)	14/05/2004	82	VEN
L ROSSI Felice	Roma (Itália)	13/06/2004	72	IRO
P ROTSART René	Bonheiden (Bélgica)	24/03/2004	73	BEN
P RUKSYS Petras	São Paulo (Brasil)	16/03/2004	65	BSP
P SALAMONOWICZ Eugeniusz	Czerwinsk (Polónia)	04/06/2004	79	PLE
L SARTORI Ildebrando	Chioggia (Itália)	09/06/2004	81	INE
E SAVIO Vincenzo	Belluno (Itália)	31/03/2004	60	//
<i>Eleito bispo titular de Garriana em 1993, foi por 7 anos auxiliar de Livorno e por 3 anos e meio bispo de Belluno/Feltre</i>				
L SCIPIONI Fausto	Roma (Itália)	15/04/2004	93	IRO
P SEGARRA Isidro	Barcelona (Espanha)	21/04/2004	90	SBA
<i>Foi por 6 anos inspetor e por 6 anos conselheiro geral</i>				
P SESTERO Dario	Avigliana (Itália)	25/05/2004	90	ICP
P SIMON René	Caen (França)	03/05/2004	91	FRA
P SINGLIS Jean/Marie	Lyon (França)	12/06/2004	74	FRA
P STORZ Alfred	Buxheim (Alemanha)	29/05/2004	87	GEM
P TIBERI Ercole	Roma (Itália)	04/04/2004	97	IRO
P TKACZYK Henryk	Lódz (Polónia)	27/04/2004	70	PLE
P TUNA Paolo	Roma (Itália)	31/05/2004	77	IRO
L VANDEN BERK Josef	Roma (Itália)	08/05/2004	83	IRO
L VERSAGGI John	Tampa (Estados Unidos)	24/03/2004	91	SUE

Impressão e acabamento:

ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS
Rua Dom Bosco, 441 • 03105-020 São Paulo-SP
Fone: (11) 3277-3211 • Fax: (11) 3209-40847